

Ingrid Trioni Nunes Machado

**PROCESSOS DE ORIENTAÇÃO INICIAL E EM TEMPO REAL E SUA INTERFACE
COM SISTEMAS DE MEMÓRIA DE TRADUÇÃO**

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos

Belo Horizonte – Novembro de 2007

Ingrid Trioni Nunes Machado

**PROCESSOS DE ORIENTAÇÃO INICIAL E EM TEMPO REAL E SUA INTERFACE
COM SISTEMAS DE MEMÓRIA DE TRADUÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Área de concentração: Lingüística Aplicada

Linha de Pesquisa: Estudos da Tradução

Orientador: Prof. Dr. Fábio Alves da Silva Júnior

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2007

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Ouro Preto e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais pela sólida formação acadêmica.

À Deus e à Nossa Senhora Aparecida pela força e luz.

Aos meus pais, Beatriz e José Carlos, e minhas irmãs, Evelyn e Yasmin, pelo amor incondicional, apoio e presença, mesmo a quilômetros de distância.

Ao José Luiz Gonçalves pela orientação na graduação e por incentivar a continuidade de meus estudos na pós-graduação.

Ao meu orientador, Fábio Alves, pela minuciosa orientação e por respeitar as pausas dessa pesquisa.

À ex-professora, colega de estudos, colega de trabalho e amiga, Bartira Gotelipe, por me acompanhar e auxiliar em todas as fases do mestrado, desde a seleção até a conclusão.

Ao Lauro Meller pelos almoços e músicas.

À Jomara Gomes e Raíssa Pedreira pela companhia diária.

À Joana Wildhagen pelas aulas de Yoga que tanto me fazem bem.

À Thábata Alvarenga pela ajuda desde o início do Mestrado.

Aos amigos de Mariana e de Itapeva pelo carinho e preocupação.

Aos colegas do LETRA pelo auxílio nos trabalhos em grupo, seminários, apresentações, coletas de dados, transcrições e reuniões.

SUMÁRIO

1. Introdução	12
2. Fundamentação Teórica	17
2.1 Investigações Processuais nos Estudos da Tradução	17
2.2 O Contexto Profissional e o Uso de Sistemas de Memória de Tradução	19
2.3 Segmentação	21
2.4 Delimitação da Fase de Orientação: Orientação Inicial e em Tempo Real	25
2.4.1 Fase Inicial de Orientação	25
2.5 Mecanismos de Apoio Interno e Apoio Externo	27
2.6 O Grupo PACTE	29
2.6.1 Uma Proposta de Mapeamento dos Processos de Orientação: PACTE (2005)	29
2.6.2 A Subcompetência Instrumental	30
2.6.2.1 A Subcompetência Instrumental como Fonte de Apoio Externo	30
2.6.3 O Experimento Realizado pelo Grupo PACTE em 2005	31
2.6.3.1 Reflexões Sobre os Resultados de PACTE (2005)	31
2.6.4 Adaptações à Proposta do Grupo PACTE	34
2.6.4.1 Predominância de Apoio: Uma Adaptação da Proposta de PACTE (2005)	34
3. Metodologia	41
3.1 Metodologia de Coleta de Dados	41
3.1.1 Instrumentos de Coleta de Dados	43
3.1.2 Estudos Piloto	47
3.2 Desenho Experimental	48
3.2.1 Os Textos de Partida	48

3.2.2 Os Sujeitos	49
3.3 Metodologia de Análise dos Dados	50
4. Análise dos Dados	53
4.1 Tradução em Ambiente <i>Translog</i>	53
4.1.1 A fase Inicial de Orientação em Ambiente <i>Translog</i>	53
4.1.2 Processos de Orientação em Tempo Real em Ambiente <i>Translog</i>	59
4.2 Tradução em Ambiente <i>Trados</i>	71
4.2.1 A Fase de Orientação Inicial em Ambiente <i>Trados</i>	71
4.2.2 Processos de Orientação em Tempo Real em Ambiente <i>Trados</i>	77
5. Discussão dos Resultados	87
5.1 Fase Inicial de Orientação	87
5.2 Tipos de Pausa Utilizados	91
5.3 Tipos de Apoio Utilizados	94
6. Conclusão	103
7. Referências Bibliográficas	107

LISTA DE FIGURAS, TABELAS, QUADROS E GRÁFICOS

Figura 1- PACTE, 2005, p. 10. Figura traduzida: Grau de implicação cognitiva necessário às cinco categorias de seqüências de ações _____	33
Figura. 2- Figura adaptada do Grupo PACTE referente ao grau de implicação cognitiva necessário às oito categorias de seqüências de ações _____	39
Figura 2a- Figura adaptada do Grupo PACTE referente ao grau de implicação cognitiva necessário às categorias de seqüências de ações em pausas de orientação _____	50
Lista 1- Siglas dos tipos de pausas, apoios e identificação dos sujeitos referenciados na pesquisa _____	52
Tabela 1- Tempo absoluto em segundos das três fases do processo tradutório no <i>Translog</i> _____	54
Tabela 2- Tempo relativo das 3 fases do processo tradutório no <i>Translog</i> _____	54
Quadro 1- Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI1 _____	54
Quadro 2- Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI2 _____	56
Quadro 3- Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI3 _____	57
Quadro 4- Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI4 _____	58
Quadro 5- Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI5 _____	58
Quadro 6- Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI1 _____	60
Quadro 7- Tipos de pausa utilizados por SI1 _____	60
Quadro 8- Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI2 _____	63
Quadro 9- Tipos de pausa utilizadas por SI2 _____	63
Quadro 10- Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI3 _____	65
Quadro 11- Tipos de pausas utilizadas por SI3 _____	65
Quadro 12- Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI4 _____	67
Quadro 13- Tipos de pausas utilizadas por SI4 _____	67
Quadro 14- Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI5 _____	68

Quadro 15- Tipos de pausas utilizadas por SI5	68
Tabela 3- Consolidação do uso de apoio interno, externo e variações no <i>Translog</i>	70
Tabela 4 - Tempo absoluto em segundos das 3 fases do processo tradutório no <i>Trados</i>	72
Tabela 5- Tempo relativo das 3 fases do processo tradutório no <i>Trados</i>	72
Quadro 16- Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI1M	72
Quadro 17- Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI2M	73
Quadro 18- Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI3M	74
Quadro 19- Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI4M	75
Quadro 20- Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI5M	76
Quadro 21- Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI1M	77
Quadro 22- Tipos de pausas utilizadas por SIM	77
Quadro 23- Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI2M	79
Quadro 24- Tipos de pausas utilizadas por SI2M	79
Quadro 25- Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI3M	81
Quadro 26- Tipos de pausas utilizadas por SI3M	81
Quadro 27- Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI4M	82
Quadro 28- Tipos de pausas utilizadas por SI4M	82
Quadro 29- Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI5M	84
Quadro 30- Tipos de pausas utilizadas por SI5M	84
Tabela 6 - Consolidação do uso de apoio interno, externo e variações no <i>Trados</i>	86
Quadro 31- Tipos de pausa na fase inicial de orientação em ambiente <i>Trados</i>	90
Tabela 7- Variação percentual de tempo da fase de orientação com a inserção do SMT	90
Quadro 32- Tipos de pausas utilizadas pelos sujeitos em ambiente <i>Trados</i> e <i>Translog</i>	92
Quadro 33- Tipos de apoios utilizados pelos sujeitos em ambiente <i>Trados</i> e <i>Translog</i>	95

Gráfico 1 – Tipos de apoios utilizados por SI1	96
Gráfico 2 – Tipos de apoios utilizados por SI2	96
Gráfico 3 – Tipos de apoios utilizados por SI3	97
Gráfico 4 – Tipos de apoios utilizados por SI4	97
Gráfico 5 – Tipos de apoios utilizados por SI5	97

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo da fase de orientação (Jakobsen, 2002), desenvolvido pelo Projeto SEGTRAD no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Universidade Federal de Minas Gerais. Além da fase inicial de tradução, processos de orientação e planejamento em tempo real também foram analisados na tradução de cinco tradutores profissionais no par lingüístico inglês/português brasileiro. O objetivo do trabalho é verificar se a qualidade da fase de orientação em ambiente cognitivo/natural se diferencia da orientação observada em ambiente computacional caracterizado pelo uso de um Sistema de Memória de Tradução (*Trados*). Para a análise dos processos de orientação *online*, foram classificadas categorias de implicação cognitiva adaptadas a partir das categorias propostas pelo Grupo PACTE (2005). As categorias referem-se aos tipos de apoio interno ou externo (Alves, 2000), de peso simples ou dominante, que aparecem durante as pausas na tradução. Os dados indicam que a fase inicial de orientação é praticamente inexistente, já que em relação às outras duas fases (de redação e de revisão, *cf.* Jakobsen, 2002), a porcentagem de tempo absoluto e relativo é inexpressiva. Com relação ao tipo de apoio que é utilizado, observa-se uma diferença significativa na natureza das pausas registradas em ambientes Translog e Trados, pois o próprio *Trados* se configura como um tipo de apoio externo constante. Percebe-se, ainda, que o diferencial entre o comportamento dos tradutores observados no estudo diz respeito à ativação da subcompetência instrumental (PACTE 2005), relacionada com a utilização adequada de fontes de documentação e tecnologias aplicadas à tradução.

Palavras-chave: Fase inicial de orientação, processos de orientação em tempo real, análise de pausas, apoio interno, apoio externo, sistemas de memória de tradução.

ABSTRACT

This thesis presents a study of the orientation phase of the translation process (Jakobsen, 2002), developed by the SEGTRAD Project at the Laboratory for Experimentation in Translation at the Federal University of Minas Gerais. Besides the phase of initial orientation, orientation processes and online planning were also analyzed in the performance of five professional translators working from English into Brazilian Portuguese. The aim of this work is to verify whether the orientation phase carried out spontaneously is different from orientation observed in the presence of a Translation Memory System (*Trados*). In order to analyze online orientation processes, categories of cognitive implication were adapted from those proposed by the PACTE Group (2005). These categories refer to the kind of internal and external support (Alves, 2000), with simple or dominant weights, which can be observed through pause analysis. The data indicate that the initial orientation phase is almost non-existent in relation to the other two phases (drafting and revision, *cf.* Jakobsen, 2002), the percentage of relative and absolute time being inexpressive. As to the kind of support that is used, a significant difference in the nature of the pauses was observed in relation to the Translog and Trados environments, once *Trados* itself constitutes a particular type of constant external support of constant external support. The results analysis also reveal that a particular trait observed in the performance of subjects refers to the activation of the instrumental subcompetence (PACTE, 2005), related to the adequate use of documentation sources and technologies applied to the translation.

Key-words: Orientation phase, online orientation processes, pause analysis, internal support, external support, translation memory systems.

Capítulo 1. INTRODUÇÃO

Uma questão pouco investigada nos estudos sobre o processo de tradução diz respeito ao que de fato acontece entre o momento em que o tradutor visualiza o texto de partida pela primeira vez e o momento em que começa efetivamente a produzir o texto de chegada. Lacunas acerca do foco dessa pesquisa, a fase inicial de orientação e os processos de orientação em tempo real, têm sido apontadas principalmente em trabalhos realizados por pesquisadores da Copenhagen Business School (do Grupo TRAP – *Translation Process*) e da Universidade de Barcelona (do Grupo PACTE – *Process in the Acquisition of Translation Competence and Evaluation*). Embora haja esforços para descrevê-los, ainda os consideramos escassos e superficiais no que diz respeito ao detalhamento e descrição desses dados. Dessa forma, visando contribuir para os Estudos da Tradução, esta dissertação pretende contribuir para o esclarecimento de alguns desses questionamentos.

Embora ainda seja considerado incipiente, nos últimos anos observamos um grande avanço no campo dos Estudos da Tradução. No início da década de 80, as ciências cognitivas começam a interagir com os Estudos da Tradução, resultando no que Fraser (1996) chama de “virada processual”. Nessa época, várias pesquisas começaram a ser desenvolvidas a fim de tentar compreender aspectos cognitivos presentes na tradução, principalmente através do uso de protocolos verbais (*Think Aloud Protocols*). Contudo, havia ainda uma carência de rigor metodológico e pouca familiaridade com a realização dos experimentos. Na década de 90, ferramentas tecnológicas, tais como os *softwares Translog* e *Proxy* permitiram que os comandos realizados durante a tradução fossem gravados, e, assim, surgiram mais contribuições qualitativas para a área. Dando continuidade às pesquisas processuais, Alves (2003) propôs como opção

metodológica a triangulação, em que os dados são obtidos por diferentes instrumentos de coleta para lhes dar mais viabilidade e confiabilidade.

Em meio a esses estudos, a presente dissertação discute a interface entre o desempenho de tradutores profissionais e um sistema de memória de tradução (SMT), o *Trados Workbench*. Dessa forma, através de uma pesquisa empírico-experimental e por meio de uma abordagem cognitiva com enfoque no processo de tradução, procuramos colaborar com os estudos processuais que vêm sendo realizados. A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do projeto SEGTRAD (Segmentação Cognitiva e Sistemas de Memória de Tradução: interfaces entre o desempenho do tradutor e a tradução assistida por computador – CNPq/PQ 301270/2005-8) e coordenado pelo Prof. Dr. Fábio Alves. O estudo dialoga com as dissertações de Júlio Matias (“*Iguais, mas diferentes: em busca de uma interface entre segmentação cognitiva, sistemas de memória de tradução e variação léxico-gramatical, no par lingüístico alemão-português*”) e Bartira Gotelipe (“*Processos de revisão na interface com Sistema de Memória de Tradução*”). Ao mapear o comportamento de tradutores profissionais no par lingüístico português/inglês, pretende ainda contribuir para os bancos de dados CORPRAT (Corpus Processual para Análises Tradutórias) e CORDIAL (Corpus Discursivo para Análises Lingüísticas e Literárias), desenvolvidos pelo LETRA (Laboratório Experimental de Tradução) no Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

O Projeto SEGTRAD busca contribuir para a perspectiva proposta por Fraser e, para tanto, tem por objetivo a replicação parcial dos estudos de natureza empírico-experimental realizados por Dragsted (2004). Os pesquisadores vinculados ao projeto preocupam-se em realizar os experimentos para calibrar, corrigir e finalmente validar os instrumentos de coleta de dados. Além do mapeamento do ritmo cognitivo de tradutores novatos e experientes em

diferentes pares lingüísticos, também foram observadas diferentes variáveis de pesquisa nos desenhos experimentais para que, futuramente, após a documentação desses dados, venha a ser possível indicar tendências e apontar os resultados advindos de todos esses estudos. Como exemplo, podemos citar Liparini (2005), que analisou a variável pressão de tempo em sua investigação, além de correlacionar os dados processuais com os dados do produto. Gotelipe e Matias também realizam experimentos com os mesmos dados que serão discutidos na dissertação em tela, porém, com variáveis e perguntas de pesquisa diferenciadas.

Visto que não é do nosso conhecimento outros estudos que tratam especificamente da fase de orientação e de processos de orientação em tempo real em interface com SMT, pretendemos ainda responder as seguintes perguntas de pesquisa:

- Qual é a natureza ou a qualidade da fase de orientação em ambiente *Translog* e em ambiente *Trados*?
- Jakobsen (2002) comenta sobre o tempo de orientação a partir dos recursos de gravação oferecidos pelo programa *Translog*. A duração dessa fase seria distinta em ambiente *Trados*?
- Com relação aos mecanismos de orientação em tempo real (*online*), quais são os tipos de apoio interno e externo (Alves, 1995; 1997; 2000) mais utilizados em cada um dos ambientes?

No que se refere ao objetivo geral da pesquisa, pretendemos:

- Investigar as características específicas dos processos de orientação (na fase inicial e em tempo real) no decorrer do processo de tradução em dois ambientes distintos, quais sejam, a tradução realizada em ambiente *Trados*, um sistema de memória de tradução (monitorados a partir do *software Camtasia*), e aquela pautada por processos espontâneos de segmentação cognitiva (monitorada pelo *software Translog*).

Quanto aos objetivos específicos, pretendemos:

- Quantificar a duração da fase inicial de orientação em ambiente *Translog* e em ambiente *Trados* e verificar quais são suas implicações para o desdobramento do processo tradutório;
- Considerando-se a existência de orientação em tempo real no processo de tradução, analisar as diferenças entre os ritmos cognitivos e os mecanismos de apoio interno e apoio externo nos ambientes *Trados* e *Translog*.
- Identificar, a partir das categorias propostas por PACTE (2005), diferenças nos processos de orientação *online*, incluindo os mecanismos de apoio interno e apoio externo, nos ambientes *Trados* e *Translog*.

Após esta introdução que introduz a inserção da dissertação nos Estudos Processuais em Tradução e sua relevância, apresentaremos a pesquisa nos capítulos detalhados a seguir:

No Capítulo 2, comentaremos sobre as teorias que embasam e motivam nossa investigação. A seção 2.1 discute a inserção de pesquisas de cunho processual nos Estudos da

Tradução, a importância dos sistemas de memória de tradução para a prática e o contexto profissional de tradução e as teorias referentes aos processos de segmentação, ritmo cognitivo e durabilidade. A seção 2.2 comenta sobre a divisão das fases do processo tradutório e apresenta o conceito de fase de orientação inicial; a seção 2.3 discute os conceitos propostos inicialmente por Alves (1995; 1997) e aplicados à formação de tradutores por Alves (2000) e Pagano (2000) acerca de mecanismos de apoio interno e externo e a seção 2.4 refere-se ao estudo feito pelo Grupo PACTE no ano de 2005 e à noção de subcompetência instrumental apresentada pelo grupo, bem como a proposta de implicação cognitiva proposta pelo SEGTRAD.

No Capítulo 3, serão apresentados os instrumentos utilizados durante a coleta de dados e o desenvolvimento da pesquisa, incluindo a realização de dois estudos-piloto, bem como a metodologia de análise dos dados que foi desenvolvida.

A análise dos dados e o detalhamento de pontos importantes para a pesquisa acerca do processo de tradução de cada um dos sujeitos da pesquisa serão apresentados no Capítulo 4.

O Capítulo 5 apresentará a discussão e comparação dos resultados obtidos em ambos os ambientes de coleta de dados.

Finalmente, no capítulo 6 discutiremos as conclusões e questões pertinentes da pesquisa a partir dos resultados obtidos.

Capítulo 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Investigações Processuais nos Estudos da Tradução

A virada processual, como denominada inicialmente por Fraser (1996) ao diferenciar o estudo do processo tradutório da perspectiva dos estudos baseados no produto da tradução, indica que muitos estudos voltados para aspectos cognitivos, mentais ou internos estão tomando um espaço cada vez maior no campo dos Estudos da Tradução. É fato que ao serem comparados com outras vertentes, os estudos sobre o processo de tradução ainda são considerados incipientes. Mas, não obstante, um grande número de pesquisas tem surgido desde a década de 80 a fim de detalhar com maior rigor teórico e metodológico o processo de tradução e suas particularidades. Ao fazer uma revisão das pesquisas realizadas nesta área, Fraser (1996) aponta que, ao mesmo tempo em que nos 15 anos anteriores já surgia um grande volume de investigações, também era possível verificar grandes divergências entre as pesquisas e o que se propunham a observar.

Certamente essas investigações contribuíram para a compreensão do processo de tradução. Entretanto, Fraser discute algumas divergências, apontando, entre elas, que o perfil dos sujeitos dos estudos realizados por Gerloff (1988), Jääskeläinen (1987), Séguinot (1989), Krings (1986), Lørscher (1991, 1992, 1993) e Tirkkonen-Condit (1989, 1991) variava entre tradutores profissionais e novatos ou até mesmo sujeitos bilíngües. O texto a ser traduzido e a forma como os dados eram analisados e apresentados (uma vez que estes variavam de acordo com os propósitos dos pesquisadores) também se alteravam nas pesquisas de Lørscher (1991, 1993), Königs (1987), Jääskeläinen (1993) e Séguinot (1989, 1991). Outras variações encontradas nas pesquisas de Fraser (1994), Königs (1987), Gerloff (1988), Jääskeläinen (1987, 1993), Séguinot (1991) dizem respeito ao tipo de introspecção feita (concomitante ou retrospectiva imediata), a

maneira como o pesquisador interveio na introspecção e a ausência ou presença de uma tarefa de tradução. Observa-se, portanto, em consonância com Fraser (1996), que ainda que utilizassem os mesmos métodos de coleta de dados (principalmente os protocolos verbais), existia pouco em comum entre as pesquisas e o que retratavam.

Já nos anos 90, o âmbito acadêmico relativo aos estudos sobre o processo de tradução inseriu novas ferramentas tecnológicas para a análise dos dados. Como exemplo, foram implementados na coleta de dados alguns *softwares* como o *Translog* e o *Proxy* que permitiram visualizar o processo de produção textual durante a tarefa de tradução. Além dessas ferramentas, alguns conceitos, orientações ou opções metodológicas surgiram com o intuito de aprimorar os estudos processuais após os apontamentos realizados por Fraser. Um deles foi o conceito de triangulação introduzido por Jakosen (1999) e aprimorado por Alves (2003), em que os dados obtidos por meio de instrumentos de coleta distintos visam garantir maior confiabilidade aos resultados da pesquisa.

Outras diretrizes de perspectiva processual continuaram a ser seguidas pelos estudiosos da área no século XXI. De acordo com Jakobsen (2002), o processo de tradução possui três fases: orientação, redação e revisão. O objeto de estudo deste trabalho enfoca inicialmente a primeira fase do processo tradutório, a fase de orientação. É nesse momento que o tradutor faz a leitura do texto na língua de partida e se guia antes de iniciar sua tarefa. Para tanto, além de nos concentrar em investigar padrões de pausas nos dois ambientes de produção, apontaremos diferenças entre a segmentação cognitiva espontânea (em ambiente *Translog*) e como o tradutor lida com a segmentação oferecida pelo *Trados*. Além disso, os tradutores continuam se orientando cognitivamente através do uso de apoio interno e apoio externo em tempo real, uma vez que necessitam recorrer a fontes externas de pesquisa e a mecanismos internos de reflexão, tomada de decisão e solução de problemas. Esses dois conceitos foram introduzidos na literatura

especializada por Alves (1995; 1997), utilizados por Alves, Magalhães e Pagano (2000), e posteriormente acrescentados, em 2005, nos estudos do Grupo PACTE da Universidade de Barcelona.

2.2 O Contexto Profissional e o Uso de Sistemas de Memória de Tradução

Já no que diz respeito ao contexto profissional da prática da tradução, sabemos que atualmente o mercado de trabalho exige do tradutor que incorpore algumas ferramentas tecnológicas para auxiliá-lo na tarefa de tradução. Além de ter que apresentar um resultado satisfatório, o tradutor deve ainda cumprir prazos para os compromissos da profissão. De acordo com Matthias Heyen (1998), no passado, a automação de tradutores profissionais era geralmente associada com o uso de tradução automática (em inglês, *machine translation*), entretanto, a situação mudou significativamente nos últimos anos com o surgimento da “tradução assistida por computador”, mais especificamente com os “sistemas de memórias de tradução”.

De acordo com Bowker (2002), um sistema de memória de tradução (doravante, SMT) é “um tipo de base de dados lingüísticos que é utilizado para armazenar textos fontes e suas traduções” (BOWKER, 2002, p.92-93). A autora também afirma que a principal característica de um SMT é permitir que o tradutor reutilize ou recicle segmentos traduzidos anteriormente. Neste trabalho, o SMT utilizado pelos tradutores é o *Trados*, por ser um dos mais conhecidos e utilizados no mercado de trabalho. A autora também faz a distinção entre a tradução automática assistida por humanos (TAAH), *human aided machine translation* (HAMT) em inglês, e a tradução humana assistida por computador (THAC), *machine aided human translation* (MAHT) em inglês. Consoante com Matthias Heyen, Bowker afirma que, principalmente com o crescimento da indústria de localização, atualmente as ferramentas de THAC, ou apenas TAC –

tradução assistida por computador – (em inglês, CAT - *computer aided translation*) estão se tornando cada vez mais populares no mercado de trabalho, servindo como um auxílio para o trabalho do tradutor experiente.

Bowker enfatiza a importância dessas ferramentas no exercício da tradução, e afirma que apenas através da experiência com determinado produto é que tradutores podem aprender a tirar proveito de suas características. Afirma ainda que o refinamento das técnicas que podem ser utilizadas resultará, enfim, em benefícios no decorrer de seu trabalho (Bowker, 2002, p. 8).

Além das vantagens comentadas por Bowker, temos ainda a distinção das ferramentas CAT apresentadas pelos vendedores desses programas daquelas elaboradas detalhada e teoricamente por Heyen (1998). O autor alega que os vendedores dizem que com os MTs (memórias de tradução): a) é possível traduzir mais rapidamente (argumento quantitativo); b) a qualidade da tradução aumenta (argumento qualitativo); c) projetos de tradução subsequentes podem ser beneficiados de trabalhos anteriores (argumento da reutilização). Além destes, Heyen aponta outros fatores vantajosos para o uso das ferramentas CAT: a) a MT encontra sua principal aplicação na tradução de material textual repetido (fator da repetição); b) MTs reforçam a consistência da tradução especialmente quando são integradas a um sistema de base de dados de terminologia (fator de consistência); c) vários tipos de informação vêm acompanhados à unidade de tradução (fator de referência); d) as MTs podem ser vistas como uma fonte rica de terminologia implícita ao contrário de terminologia explícita encontrada em bancos de termos (fator de concordância); e) os usuários podem buscar termos específicos e a retirada de terminologia pode ser manual ou automática (fator terminológico); f) é possível criar recursos através do alinhamento de textos em línguas diferentes, extrair uma lista de termos em uma língua a ser adicionada em um banco de termos - extração terminológica monolíngüe - e criar

uma lista de termos-pares da língua de partida a ser adicionada em um banco de termos - extração terminológica bilíngüe (fator de criação).

Apresentadas as vantagens e a importância dessas novas tecnologias e ferramentas como um subsídio ao tradutor, serão ainda comentadas neste estudo algumas pesquisas que já vêm sendo desenvolvidas a fim de melhor compreender a interface tradutor/tecnologia. Como exemplo, citaremos Dragsted (2004), uma pesquisadora dinamarquesa que investigou em sua tese de doutorado algumas características da segmentação textual de tradutores profissionais com o SMT *Trados* e a segmentação cognitiva natural observada no *Translog*. Já no contexto brasileiro, pesquisadores do LETRA da UFMG (especificamente do projeto SEGTRAD) começaram, no ano de 2005, a realizar alguns experimentos e pretendem dar continuidade a futuras pesquisas acerca dessa interface e suas implicações.

2.3 Segmentação

Embora o *Trados* forneça respostas de tradução no nível da sentença, diferentemente do tradutor que trabalha com unidades de tradução, este SMT auxilia significativamente o tradutor em sua atividade. Entretanto, os resultados advindos do estudo de Dragsted no par lingüístico dinamarquês/inglês, apontam para a necessidade de modificações na forma como os sistemas de memória de tradução segmentam o texto a ser traduzido a fim de que tradutores possam, de fato, se beneficiar da interface com o programa.

Para realizar então uma tarefa satisfatória, o tradutor deve apresentar, além de uma maior capacidade de controlar e monitorar com qualidade o processo tradutório para garantir seu desempenho, também níveis mais altos de meta-reflexão que apontam para uma maior competência em tradução. Alves (2005), ao comparar o desempenho de três tradutores com perfis

diferentes (novato, avançado, experto) realizou uma relação entre alguns fatores inerentes a um nível otimizado de competência em tradução. O tradutor com maior experiência apresentou um alto grau de monitoramento do processo de produção da tradução, distribuiu seus esforços de forma equilibrada durante o processo de tradução e apresentou um texto com maior durabilidade. Alves & Gonçalves (2007, p. 49) definem durabilidade como

(...) o resultado de uma configuração de desempenho específica que evidencia um padrão de processamento e monitoramento da produção textual passível de ser associado ao gerenciamento cognitivo eficiente e ao exercício de meta-reflexão sob uma perspectiva meta-cognitiva.¹

Já no que se refere ao conceito de ritmo cognitivo, este foi primeiramente proposto por Schilperoord (1996, apud Jakobsen, 2002). O ritmo cognitivo é resultante da alternância entre fases de produção textual e pausas. É caracterizado por pausas, correções, mudanças, seqüência de produção (*flow of text production*). Essas pausas sugerem recursão, caracterizam o processo como não linear ou podem indicar mudança hierárquica das fases do processo de tradução. Alves (2005, p. 115, 116) adota como definição para ritmo cognitivo “um padrão de alternância rítmica entre as pausas e redação no decorrer de um tempo total de produção textual”, e comenta que Jakobsen acredita que textos produzidos por tradutores mais experientes seriam mais duráveis. Entretanto, o pesquisador lembra que essa diferença é observável através dos tempos de pausa e dos padrões de recursividade no ritmo cognitivo dos tradutores. Dessa forma, nossa escolha por trabalhar com tradutores profissionais e experientes na pesquisa justifica-se por estes apresentarem um controle e gerenciamento do processo tradutório com maior propriedade.

¹ Tradução para o português por Alves e Gonçalves de: “an outcome of a particular performance that signals a pattern of processing and monitoring text production assumed to be correlated with efficient cognitive management and reflective practice from a meta-cognitive perspective.”

Com relação às pausas, especificamente, sabemos que estas são indicadores de processos cognitivos, como por exemplo, de mecanismos de apoio interno e externo. Schilperoord (1996) realiza uma análise a respeito de pausas durante a produção textual, as quais podem ser tanto decorrentes de processos de revisão quanto da necessidade de orientação. Para tanto, introduz dois conceitos propostos por Butterworth (1980): os conceitos de macro-planejamento e micro-planejamento. De acordo com o autor, “o macro-planejamento diz respeito à preparação de sentenças textuais maiores, enquanto o micro-planejamento se refere aos processos cognitivos locais envolvidos na codificação gramatical e busca lexical”² (Schilperoord, 1996, p. 18).

Em consonância com Butterworth (1980) e Schilperoord (1996), Dragsted acredita que o que ocasiona diferenças na duração das pausas em níveis textuais são as diferenças no planejamento da produção textual, já que parece haver uma relação entre a quantidade de planejamento e a quantidade de pausas. Além disso, a autora acredita que a distribuição das pausas segue determinadas categorias textuais bem definidas, algumas das quais parecem “atrair” mais pausas que as outras. Afirma ainda que a duração das pausas varia de acordo com o esforço cognitivo requerido para recuperar informações relevantes. Portanto, além de analisar a pausa decorrente da fase inicial de orientação, pretendemos ainda apontar características das pausas que acontecem no decorrer da produção textual e classificá-las quanto à necessidade de apoio interno e apoio externo dos tradutores. Dragsted (2004, p. 68), afirma que

Pode ser dito, assim, que a pausa precedente ao segmento textual é na verdade parte do estado de atenção relacionado à produção desse segmento, ou, no que se refere à tradução, que a pausa precedente à UT textual é na verdade parte de uma unidade textual mental correspondente à essa UT textual. As pausas entre dois segmentos textuais devem então ser consideradas enquanto sinais cognitivos de mudanças independentes nos estados de atenção e preparação de produção subsequente.³

² Minha tradução de: “Macro-planning concerns the preparation of large stretches of speech, whereas micro-planning is concerned with local cognitive process involved in grammatical encoding and lexical search.”

³ Minha tradução de: It could be argued, then, that the pause preceding a text segment is actually part of the attentional state related to producing this segment, or, in terms of translation, that the pause preceding a textual TU is actually part of the mental TU corresponding to this textual TU. Pauses between two text segments may thus either

Visto que Fraser (1996) apresenta várias lacunas e argumentos relativos às pesquisas processuais nos Estudos da Tradução (principalmente no que se refere à questão das variáveis de pesquisa, as quais devem ser analisadas e replicadas em diferentes condições e pares lingüísticos), este trabalho justifica-se pela tentativa de analisar, no par lingüístico português-inglês, quais são as diferenças cognitivas em dois ambientes de produção distintos, quais sejam, o software *Trados* e o *Translog*. Dessa forma, nos parece muito proveitoso pesquisar como essas ferramentas tecnológicas influenciam a atividade tradutória, principalmente no que diz respeito à fase de orientação e, paralelamente, às diferenças quanto ao ritmo cognitivo, apoio interno e apoio externo observadas nesta fase.

Portanto, a fim de contribuir para as pesquisas sobre o tema, verifica-se a necessidade de mais estudos relacionados à fase de orientação, aos processos de orientação em tempo real e à qualidade do processamento cognitivo de tradutores profissionais no processo tradutório, visto que, conforme mencionado na introdução deste trabalho, o número de pesquisas que abordam este tema é bastante limitado. Além disso, uma investigação acerca desses fenômenos poderia contribuir para a didática da tradução, já que tradutores em treinamento se tornariam conscientes a respeito desses mecanismos de apoio interno e apoio externo, bem como os efeitos resultantes das diferenças no ritmo cognitivo em ambientes distintos.

be considered independent cognitive signals of changes in attentional states and preparation of subsequent production increments (...).”

2.4. Delimitação da Fase de Orientação: Orientação Inicial e em Tempo Real

2.4.1 Fase Inicial de Orientação

Ao que nos consta, inexistem estudos exclusivos da fase inicial de orientação. Desde os primeiros estudos processuais desenvolvidos, existe a dificuldade de se compreender o que ocorre nessa etapa da tarefa de tradução. Mesmo com aparatos tecnológicos de gravação e visualização do processo (como o *Translog* e o *Proxy*, em que todo o processo pode ser facilmente mapeado) não é possível descrever tais aspectos cognitivos com exatidão.

Jakobsen (2002) dividiu o processo tradutório em três fases: orientação, redação e revisão. Cada uma dessas fases tem particularidades e apresentam-se enquanto etapas distintas do processo de tradução. As fases de redação e de revisão são bastante investigadas na área dos Estudos da Tradução, visto que nessas fases é possível analisar processos de recursividade, opções de tradução, pausas relacionadas à solução de problemas e tomada de decisão, bem como aspectos da revisão do texto de chegada. Entretanto, com relação específica à fase de orientação, não temos nenhuma pesquisa específica que trate do que acontece neste momento, considerado por Jakobsen (2002, p. 192) a fase em que acontece a leitura preliminar do texto de partida:

A fase inicial de orientação, a fase 1, é considerada como o tempo entre a aparição do texto fonte na tela e o toque da primeira tecla de produção textual. Os únicos tipos de teclas que podem ser acionadas são os comandos do mouse para a navegação e para o reajuste do tamanho da janela do texto fonte. A navegação é necessária se o tradutor desejar ler mais do texto fonte do que é mostrado inicialmente na janela. Dados dessa fase indicarão a quantidade do texto fonte que o tradutor observou antes de começar a tradução, e quanto tempo foi utilizado ao fazer isso. A fase inicial de orientação é dominada pela compreensão. Alguma preparação cognitiva da produção do texto alvo pode estar envolvida, mas em nossa definição não pode haver nenhum tipo de digitação do texto alvo nessa fase.⁴

⁴ Minha tradução de: “The initial orientation phase, phase 1, is the time delay between the appearance of the source text n the screen and the typing of the first text production key. The only two kinds of keystrokes that can occur here

Entretanto, o autor também faz algumas considerações a respeito das delimitações da definição dessa fase:

Se a fase inicial de orientação é tratada enquanto uma fase separada ou enquanto uma parte da redação (fase 2) é uma questão de definição. A pausa inicial é frequentemente mais longa que as pausas encontradas posteriormente entre os segmentos de produção textual. Isso indica que o tipo de processamento textual que acontece no início é frequentemente de um tipo diferente daquele refletido por pausas mais curtas encontradas em seguida, na fase 2. Por outro lado, pausas iniciais são comumente curtas, na verdade, às vezes mais curtas que algumas das pausas na fase 2. O presente trabalho inclui uma consideração de dados da fase 1 porque a atividade cognitiva nessa fase deve ser considerada como uma preliminar importante para a produção textual que acontece na fase de redação.⁵

Dessa forma, verificamos que, mesmo ao definir que a fase de orientação acontece desde a aparição do texto fonte até o acionar da primeira tecla de produção textual, Jakobsen também considera que outros mecanismos e processos de orientação acontecem no decorrer da tradução. Em consonância com Jakobsen, acreditamos que o tradutor pode retornar à fase de orientação mesmo já tendo iniciado a fase de redação. Isso ocorre porque mecanismos cognitivos de apoio interno, mecanismos de apoio externo e o seu próprio ritmo cognitivo contribuem para que ele se oriente e resolva os problemas encontrados durante a tradução, como proposto por Schilperoord 1996, Flower & Hayes 1981, Alves 2005, Jakobsen 2002, entre outros.

Pesquisas referentes ao processo de tradução, mais especificamente as que pouco retratam o que acontece durante a fase de orientação, ainda não são significativas para que possamos

are mouse clicks to scroll the source text and to resize the source text window. Text scrolling is necessary if the translator wishes to read more of the source text than is displayed in the source text window initially. Data from this phase will indicate how much of the source text the translator looked before starting on the translation, and how much time was spent in doing so. The initial orientation phase is dominated by comprehension. Some cognitive preparation there can be no typing of the target text in this phase.”

⁵ Minha tradução de: “Whether or not the initial orientation phase is treated as a separate phase or as part of drafting (phase 2) is a matter of definition. The initial pause is frequently longer than pauses found later between text production segments. This indicates that the kind of text processing which takes place at the outset is often of a different kind from that reflected by the shorter pauses found later in phase 2. On the other hand, initial pauses are frequently quite short, in fact sometimes shorter than some of the pauses in phase 2. The present paper includes a consideration of phase-1 data because the cognitive activity in this phase must be assumed to be an important preliminary to the text processing that takes place in the drafting phase proper.”

afirmar com propriedade suas características particulares. A escassez de estudos encontrados na literatura específica da área reflete a dificuldade em se mapear a orientação. A dificuldade sempre esteve presente em todos os estudos já citados, e permanece nas pesquisas atuais como as desenvolvidas pelo Grupo PACTE, pelos pesquisadores da Universidade de Copenhague (Jakobsen e Dragsted, por exemplo) e ainda pelos pesquisadores vinculados ao projeto SEGTRAD. A fim de suprir esta lacuna, nosso objetivo é mapear e detalhar ao máximo a fase de orientação para que possamos contribuir para o desenvolvimento da produção de conhecimento na área dos estudos processuais da tradução.

2.5 Mecanismos de Apoio Interno e Apoio Externo

Sabemos que o tradutor utiliza vários recursos para realizar seu trabalho, os quais podem ser tanto de natureza externa quanto interna. Alves (1997, p. 25), afirma que:

Entende-se por apoio interno todas aquelas operações mentais nas quais o tradutor utiliza conhecimentos prévios, seja recuperando memórias previamente armazenadas, seja utilizando-se de processos inferenciais para chegar a uma decisão de tradução. Isso pode se dar através de um conhecimento distinto – o conhecimento declarativo”

Dando continuidade a essas reflexões, Alves (2000, p. 57) também afirma que o apoio interno se dá, principalmente, “por meio do nosso conhecimento de mundo, que abrange nossos conhecimentos enciclopédicos, incluindo-se nele toda nossa bagagem cultural, e o conhecimento procedimental que nos ensina como utilizar o que já conhecemos”. O autor ainda comenta que esses mecanismos de subsídios internos poderiam ser chamados de pré-texto por serem o ponto de partida da tradução, já que o tradutor utiliza as informações de que já dispõe.

Quando o tradutor tem algum problema de tradução que não consegue solucionar através de apoio interno, ele passa a utilizar um outro tipo de conhecimento diferente do conhecimento declarativo/teórico - o conhecimento procedimental. Esse tipo de conhecimento está relacionado a aspectos práticos ou procedurais, em que, de acordo com Alves (1997, p. 26)

(...) o tradutor deve adquirir a capacidade de operar instrumentos que auxiliem a tarefa de traduzir. Tanto dicionários quanto obras de consulta e referência desempenham um papel fundamental nessa fase. Além desses recursos, cabe ao tradutor saber buscar fontes de consulta alternativas através do contato com informantes e agências de informação.

Além disso, ainda nos pautaremos na definição proposta por Pagano (2000, p. 55) também referente ao apoio externo:

A consulta de textos paralelos, a utilização de dicionários, o recurso a especialistas, o uso da Internet como grande banco de informações e a utilização de recursos computadorizados são algumas das ações que o tradutor pode efetuar quando se depara com um problema de tradução para o qual não encontra resolução rápida e acertada.

Pagano (2000, p. 40) comenta que a necessidade por parte do tradutor de recorrer a fontes de consulta externa para encontrar informações que não possui é muito recorrente na prática tradutória. Ainda que ele conte com uma sólida formação escolar e faça cursos de especialização e atualização em diversas áreas, viaje e participe de discussões, isto não o torna totalmente auto-suficiente para que resolva determinados problemas que possam surgir durante uma tradução.

Hansen (2003) discute a importância de tradutores profissionais saberem controlar o processo de tradução. De acordo com a autora, é importante refletir sobre “tradutores controlando seus processos de tradução – ‘controlando’ no sentido de monitoramento da tradução e de controle da qualidade da tradução” (Hansen, 2003, p. 26). O importante aqui é ressaltar que tradutores profissionais evidenciam determinados padrões de tradução e algumas peculiaridades

no que se refere à capacidade de um melhor gerenciamento do processo tradutório como um todo. Esse tipo de comportamento se relaciona então com os tipos de apoio que utiliza no decorrer da tradução. Este será o ponto de partida da investigação, pois analisaremos como esses mecanismos são utilizados em ambientes distintos de produção, tanto durante a atividade de tradução quanto na fase inicial de orientação.

2.6 O Grupo PACTE

2.6.1 Uma Proposta de Mapeamento dos Processos de Orientação: PACTE (2005)

No contexto da Universidade de Barcelona, desde o ano de 1998 o Grupo PACTE vem realizando pesquisas empírico-experimentais na área processual com o intuito de investigar a competência tradutória. Em 2001, foi proposto o primeiro modelo de competência tradutória do grupo, e nos anos subseqüentes, tanto o modelo quanto o desenho experimental da pesquisa sofreram alterações significativas. O modelo revisado e adotado nesta pesquisa é aquele apresentado no ano de 2003. Em 2005, foi publicado o desenho do último experimento realizado para a validação do modelo de competência tradutória idealizado pelo grupo.

2.6.2 A Subcompetência Instrumental

2.6.2.1 A Subcompetência Instrumental como Fonte de Apoio Externo

Após examinar a competência tradutória e suas subcompetências, o Grupo PACTE chegou a vários conceitos que serviram de embasamento para essa pesquisa. Primeiramente, afirmam que a competência tradutória é (PACTE, 2005, p. 610):

o sistema de conhecimentos subjacentes necessários para traduzir que apresenta quatro características distintas: (1) é conhecimento experto e nem todos os bilíngües a possuem; (2) é basicamente conhecimento procedimental; (3) é feita de várias subcompetências inter-relacionadas; (4) o componente estratégico é muito importante, assim como em todos os tipos de conhecimento procedimental.⁶

Ao introduzir o conceito de competência tradutória, o grupo comenta sobre as subcompetências que a compõem e sobre os componentes psico-fisiológicos, referentes aos componentes cognitivos e de atitude (como por exemplo, a memória, atenção, perseverança, capacidade de análise crítica, etc.). Detalharemos a seguir cada uma das subcompetências:

A subcompetência bilíngüe é formada por conhecimento pragmático, sociolingüístico, textual e léxico-gramatical em cada uma das línguas de trabalho. A subcompetência extralingüística é formada de conhecimento enciclopédico, temático e bicultural. A subcompetência de conhecimentos em tradução refere-se ao conhecimento dos princípios que orientam a tradução, quais são suas técnicas, métodos, procedimentos, etc. A subcompetência estratégica é considerada a mais importante pelo Grupo PACTE, pois diz respeito à solução de problemas,

⁶ Minha tradução de: “(...) the underlying knowledge system needed to translate and has four distinctive characteristics: (1) it is expert knowledge and not possessed by all bilinguals; (2) it is basically procedural knowledge; (3) it is made up of various interrelated sub-competencies; (4) the strategic component is very important, as it is in all procedural knowledge.”

além de garantir a eficiência do processo tradutório. Ela é responsável pelo planejamento do processo em relação à tarefa de tradução, avaliação do processo e dos resultados obtidos, ativação das demais subcompetências, compensando as deficiências, identificando os problemas encontrados e aplicando os procedimentos necessários para solucioná-los. Já a subcompetência instrumental diz respeito ao conhecimento relacionado ao uso de fontes de documentação e tecnologias de informação aplicadas à tradução. Gonçalves (2003) acredita que as habilidades no uso de recursos de pesquisa e referência que repercutem como um tipo de conhecimento procedimental também estão relacionadas com os aspectos sócio-interativos do campo profissional do tradutor. Para tanto, denomina tal competência como instrumental/profissional.

Dada a definição da subcompetência instrumental, vemos que ela está relacionada com uma das variáveis da pesquisa, a utilização de apoio externo *Trados* enquanto condição dada. Dessa forma, na análise dos dados buscaremos verificar como acontece a adequação dessa subcompetência em cada um dos ambientes de produção (no *Trados* e no *Translog*).

2.6.3 O Experimento Realizado pelo Grupo PACTE em 2005

2.6.3.1 Reflexões Sobre os Resultados de PACTE (2005)

Embora o trabalho do grupo PACTE (2005) objetivasse estudar a competência tradutória e sua aquisição em diversas línguas (alemão, francês e inglês), a pesquisa apresentou pontos muito relevantes que serão comparados com a nossa pesquisa. Contudo, no escopo dessa comparação, é importante destacar que o Grupo PACTE parte de uma perspectiva dedutiva, visto que o que eles chamam de “pontos ricos” (*rich points*, em inglês) são o foco das análises e considerações a respeito do processo tradutório. Por outro lado, a presente pesquisa se baseia em

uma perspectiva indutiva, em que a análise e as considerações do trabalho são resultantes dos dados coletados.

Após a análise dos dados, o Grupo PACTE identificou algumas seqüências de ações manifestas durante a tradução de 3 sujeitos tradutores profissionais e 3 professores de línguas estrangeiras. É importante lembrar que os professores deveriam ter no mínimo 6 anos de experiência com ensino de línguas e fizeram parte da pesquisa por compartilharem de algumas das características dos tradutores profissionais, como as sub-competências bilíngüe e a extra-lingüística.

No que se refere aos mecanismos de tomada de decisão, solução de problemas e principalmente à utilização de apoio interno e externo por parte do tradutor, a análise do experimento realizado pelo Grupo PACTE revelou a existência de uma variedade de seqüências diferentes de ações. Essas cadeias ou seqüências de ações foram classificadas em cinco categorias de acordo com o grau de implicação cognitiva requerida, quais sejam:

- 1) Apoio Interno Simples: a solução definitiva é alcançada somente pela utilização de apoio interno, sem qualquer tipo de consulta. As seqüências típicas são: *solução definitiva – pausa – solução definitiva*;
- 2) Apoio Interno Dominante combinado com Apoio Externo: buscas de documentação complexas são feitas, porém, o tradutor não chega a uma solução definitiva para o problema, uma vez que a solução definitiva é decorrente do apoio interno. Como exemplo, temos a seqüência: *consulta complexa – solução provisória – pausa – solução definitiva*;
- 3) Interação Balanceada entre Apoio Interno e Apoio Externo: a solução definitiva é resultado da interação de ambos os tipos de apoio. Neste tipo de interação balanceada, 3

- subcategorias foram identificadas: a) A consulta é utilizada para confirmar a decisão, por exemplo: *pausa – solução definitiva - consulta*; b) a consulta a dicionários bilíngües ou monolíngües é utilizada, mas a solução encontrada não é aceita, por exemplo: *consulta a dicionários bilíngües ou monolíngües – pausa – solução provisória – solução definitiva*;
- c) o apoio interno é combinado com a consulta, por exemplo: *pausa – consulta a dicionários bilíngües ou monolíngües – solução definitiva*;
- 4) Apoio Externo Dominante combinado com Apoio Interno: aqui, consultas complexas são a base para uma solução definitiva. Seguem dois exemplos: a) *solução provisória – pausa - consulta a dicionários bilíngües - consulta a dicionários monolíngües – solução definitiva*; (b) *busca contextualizada na Internet – solução definitiva*; e
- 5) Apoio Externo Simples: a solução definitiva é resultante apenas do apoio externo, mais especificamente através do uso de um dicionário bilíngüe. Uma seqüência típica seria: *consulta a dicionário bilíngüe – solução definitiva*.

Para fins de ilustração, a seguir encontra-se a cadeia proposta pelo Grupo PACTE:

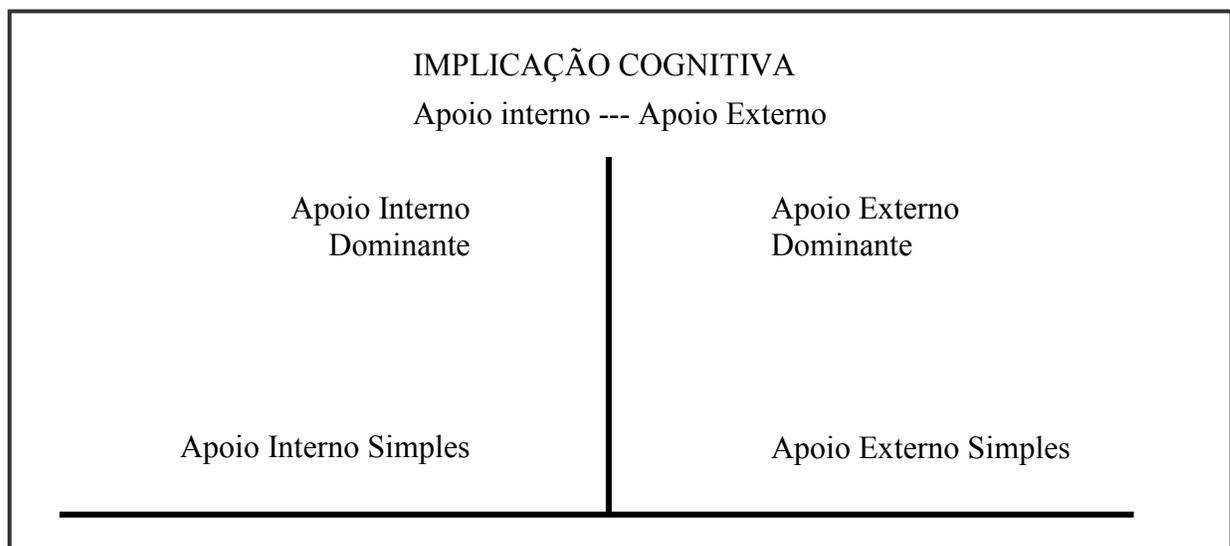


Fig. 1: PACTE, 2005, p. 10. Figura traduzida: Grau de implicação cognitiva necessário às cinco categorias de seqüências de ações.

Em sua análise, o Grupo PACTE constatou algumas tendências. Entre elas, podemos citar que tradutores profissionais, por apresentarem um grau de experiência e, conseqüentemente, a competência tradutória mais desenvolvida, utilizam mais o apoio externo para corroborar soluções e decisões já feitas através do apoio interno. Dessa forma, demonstraram as implicações e a importância decorrentes da interação entre esses mecanismos distintos de apoio durante a tradução.

Entretanto, no que se refere à classificação do elo central da cadeia dos graus de implicação cognitiva – a categoria Interação Balanceada entre Apoio Interno e Apoio Externo – percebemos que parece haver uma tendência de predominância de um ou outro tipo de apoio. Quando se trata de tomada de decisão e solução de problemas, a interação balanceada dos apoios não parece ocorrer, já que o peso dominante de apoio interno ou apoio externo é responsável pela ação subsequente à pausa. Dessa forma, para fins do presente trabalho, sugerimos uma revisão e adaptação das cadeias propostas na figura acima.

2.6.4 Adaptações à Proposta do Grupo PACTE

2.6.4.1 Predominância de Apoio: Uma Adaptação da Proposta de PACTE (2005)

Além da pesquisa realizada pelo Grupo PACTE, não existem, que seja de nosso conhecimento, outros estudos antecedentes sobre processos de orientação em tradução que permitam a comparação, a confirmação ou a refutação empírico-experimental por meio desta pesquisa. Como já foi mencionado, partimos de uma perspectiva indutiva em que tivemos que realizar várias classificações através dos dados coletados. Em um primeiro momento, como veremos adiante (*cf.* seções 4.1.2 e 4.2.2), fizemos uma análise detalhada e em seguida uma

categorização das pausas que duravam 5 segundos ou mais de todos os sujeitos nos dois ambientes. Essas pausas sinalizavam aspectos diferenciados e apresentavam características das mais variadas, incluindo os tipos de apoio que nelas eram utilizados.

Através de suposições teóricas, percebemos que a classificação do Grupo PACTE precisaria ser adaptada para a classificação das pausas em nossa pesquisa. Como primeira modificação, optou-se por não considerar o elo central da cadeia, qual seja, a categoria “Interação Balanceada entre Apoio Interno e Apoio Externo”. Os processos de tomada de decisão geralmente não implicam em uma distribuição de pesos iguais entre as formas de apoio interno e externo. Se os dois apoios entram em ação, um deles certamente é dominante, e a decisão é incitada pelo peso maior que um ou outro exerce no decorrer do processo de solução de problemas e tomada de decisão. Além disso, por questões metodológicas, embora o Grupo PACTE tenha descrito algumas seqüências típicas de ações que indicam se os apoios são balanceados ou dominantes, decidimos não fazer referência a esse elo da cadeia já que essas séries são muito semelhantes e susceptíveis de serem classificadas equivocadamente.

Além da exclusão de apoio interno e externo balanceado, após a análise dos dados, observamos que os apoios podem acompanhar tanto pausas de orientação quanto de revisão. Jakobsen (2005) aponta que essas diferenças existem, porém, não as detalha com exatidão. O pesquisador salienta que toques de espaçamento podem servir como indicadores de pausas de revisão (se a pausa se refere ao segmento já produzido, ou seja, se ele volta ao segmento anterior) ou de orientação (se ela foca o segmento a ser produzido, isto é, se dá continuidade ao processo tradutório), contudo, tudo depende do que acontecerá após a pausa. São dois os tipos de pausas mais comuns:

- pausas antes de produção textual são classificadas tipicamente como pausas de orientação;
- pausas antes de correções ou modificações, como pausas características de revisão.

Entretanto, como não temos acesso à mente do tradutor, para fins de pesquisa adotamos alguns padrões e critérios que serão utilizados na análise dos dados, principalmente nas variações de pausas que ainda não haviam sido descritas e detalhadas anteriormente na literatura dos Estudos da Tradução (esses critérios incidem de Jakobsen e foram aprimorados pela equipe do projeto SEGTRAD):

- as pausas de orientação geralmente acontecem após espaçamento, pontuação, tecla de paragrafação ou *enter*, pois ao fazer um desses comandos, temos o indício de que o tradutor mudou seu foco de atenção, transferindo-o para o planejamento do segmento subsequente.
- as pausas que antecedem espaçamento, pontuação, tecla de paragrafação ou *enter* são classificadas como pausas de revisão, já que o enfoque cognitivo do tradutor ainda se concentra na unidade de tradução que acabou de traduzir. Não importa se ocorrerá uma correção ou modificação nessa unidade, já que o tradutor geralmente observa o que acaba de ser produzido.

Essa classificação foi adotada na maioria das ocorrências das pausas, entretanto, como o próprio Jakobsen afirma, tudo dependerá do que acontece após a pausa. Como será descrito a seguir, pausas que aparentam ser pausas de orientação podem também ser pausas de revisão, e vice-versa.

Isso mostra como é complexo classificar e qualificar as pausas. Em ambiente *Trados*, temos ainda uma situação muito particular que vai além dos mecanismos de espaçamento e pontuação apontados por Jakobsen. O *Trados* é marcado pela mudança de segmentos entre as unidades, que podem vir seguidos de aceite total do que é oferecido pela memória, pela modificação parcial (mudança de termos, mudança da ordem dos termos, acréscimo ou extração de termos) e também pela redação, na língua alvo, de segmentos sem paridade. Caso ocorra o aceite total do segmento, temos indícios de que o tradutor está se orientando, ainda que faça o papel de revisor nesse momento. Dessa forma, a classificação de Jakobsen (2005) que diz que pausas antecedentes a espaçamentos ou teclas de *enter* são pausas de revisão, nesse ambiente, configuram-se como pausas de orientação, porque existe a mudança do foco para a unidade seguinte. Como parâmetro de comparação com o ambiente natural de produção textual, seria como se o tradutor utilizasse apoio externo e tivesse concordado com a busca, porém ele não teve que digitar, mas apenas fechar o segmento e abrir o próximo.

Além das pausas de redação e de orientação, temos também outros dois tipos de pausas: as pausas operacionais (POP) e as pausas extra-tarefa de tradução (PET). As pausas operacionais são pausas menores ou maiores que cinco segundos nas quais não acontece nenhuma atividade cognitiva relevante para a investigação. As pausas maiores de 5 segundos são indicadores de esforço cognitivo, e devem, portanto, ser utilizadas na análise processual. As pausas que duram menos de 5 na maioria das vezes referem-se à velocidade de digitação e coordenação motora. Certamente esse tipo de pausa será encontrado em um número maior no *Trados*, já que os ajustes dos comandos do software, bem como a seleção do idioma, da porcentagem de paridade e os ajustes na tela e na barra de ferramentas sempre acontecem durante a tradução. Além desses ajustes, a própria natureza do *Trados* requer que, para que seja traduzida ou aceita uma unidade de tradução, o tradutor execute um comando de mouse ou teclas de atalho no teclado que

permitam que ele feche e/ou abra um novo segmento. Essa operação pode levar alguns segundos, que, em termos de atividade cognitiva, podem ser praticamente nulos e, portanto, desconsiderados para fins de análise.

Por sua vez, as pausas extra-tarefa de tradução se referem àquelas nas quais o tradutor realiza uma atividade que não está relacionada com o processo de tradução. Essas pausas são possíveis de ser identificadas através das planilhas de observação feitas pelos pesquisadores e também pela reprodução do vídeo no *Camtasia*. Como exemplo, temos conversas ao telefone, interação com os pesquisadores ou com pessoas que se encontram no ambiente físico de coleta, conversas em salas de bate-papo na internet, etc. Cognitivamente, essas interrupções também seriam irrelevantes para a pesquisa.

Apresentamos, a seguir, uma nova proposta de classificação do SEGTRAD desenvolvida a partir da proposta do Grupo PACTE, levando-se em consideração os tipos de apoio que acontecem durante a tradução. Cabe ressaltar que na explicação que segue a figura também serão incluídas as pausas de revisão para que possamos apontar semelhanças e diferenças entre elas devido à linha tênue existente entre esses dois processos. Estas pausas, como já mencionado anteriormente, foram analisadas no escopo do projeto SEGTRAD por Gotelipe (2007). Em seu trabalho de mestrado, Gotelipe investiga a fase de revisão e processos de revisão em tempo real, e, por essa razão, a classificação foi feita em conjunto.

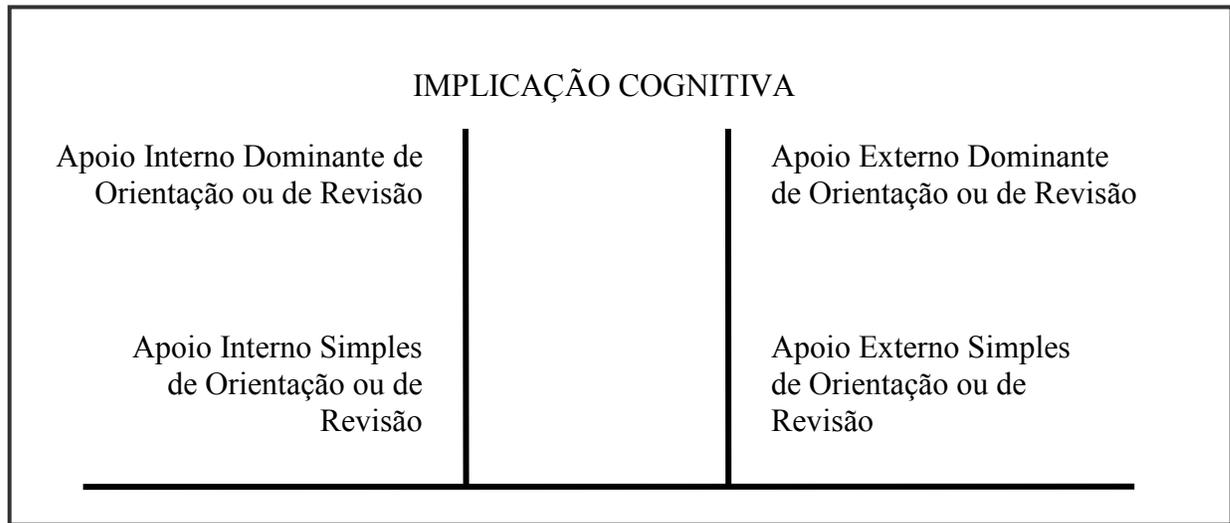


Fig. 2: Figura adaptada do Grupo PACTE referente ao grau de implicação cognitiva necessário às oito categorias de seqüências de ações.

1) Apoio Interno Simples de Orientação (AISO): esse apoio é utilizado quando o tradutor se utiliza apenas de apoio interno para chegar a uma solução definitiva (Exemplo: *pausa + solução definitiva*).

2) Apoio Interno Simples de Revisão (AISR): quando o tradutor tem uma solução provisória, pausa para refletir e em seguida modifica o termo ou a unidade de tradução que acabou de traduzir para chegar enfim a uma solução definitiva. (Exemplo: *solução provisória + pausa + solução definitiva*).

3) Apoio Interno Dominante de Orientação (AIDO): é utilizado quando o tradutor faz uma busca, mas ela é desconsiderada, pois a solução definitiva é resultante do apoio interno do tradutor. (Exemplo: *pausa + consulta desconsiderada + [pausa] + solução definitiva*).

4) Apoio Interno Dominante de Revisão (AIDR): o tradutor utiliza esse tipo de apoio quando chega a uma solução provisória, faz uma consulta não relevante para auxiliá-lo a solucionar o problema, faz uma pausa de apoio interno e finalmente faz modificações para chegar

a uma solução definitiva (Exemplo: *solução provisória + consulta desconsiderada + pausa + solução definitiva*).

5) Apoio Externo Simples de Orientação (AESO): é quando o tradutor interrompe a tradução para realizar uma consulta simples (ou seja, recorre a apenas uma fonte de pesquisa) e através desta chega a uma solução definitiva (Exemplo: *pausa + consulta simples + solução definitiva*).

6) Apoio Externo Simples de Revisão (AESR): é utilizado se o tradutor chega a uma solução provisória, interrompe o processo para realizar uma consulta simples e então faz modificações com uma solução definitiva (Exemplo: *solução provisória + pausa + consulta simples + solução definitiva*).

7) Apoio Externo Dominante de Orientação (AEDO): temos reflexão e uso do apoio interno por parte do tradutor, porém através de uma busca complexa (ou seja, o tradutor recorre a duas ou mais fontes para solucionar o problema de tradução) chega-se a uma solução definitiva (Exemplo: *pausa + consulta complexa + solução definitiva*).

8) Apoio Externo Dominante de Revisão (AEDR): aqui o tradutor chega a uma solução provisória, porém pausa para refletir sobre essa decisão. Além disso, realiza uma consulta complexa (faz duas buscas ou mais para auxiliá-lo) e por fim chega a uma solução definitiva (Exemplo: *solução provisória + pausa + consulta complexa + solução definitiva*).

Esta será a classificação das categorias de implicação cognitiva adotada pela equipe do projeto SEGTRAD para a análise das pausas de orientação e dos apoios decorrentes do processo de tradução dos cinco sujeitos da pesquisa. Observaremos quais desses elos da cadeia são mais utilizados pelos tradutores, além de compararmos as diferenças entre os tipos de apoio presentes na tradução com o *Translog* e com o *Trados*.

Capítulo 3: METODOLOGIA

Neste capítulo discutiremos o aparato metodológico utilizado na coleta dos dados da pesquisa. Além dos instrumentos de coleta, também mencionaremos dois estudos-piloto realizados pelo Projeto SEGTRAD nos anos de 2005 e 2006 e o desenho experimental da pesquisa, que incluem os textos de partida e o perfil dos sujeitos. Em seguida, temos a metodologia de análise dos dados, em que explicaremos como foram feitas as adaptações às cadeias cognitivas propostas inicialmente pelo Grupo PACTE.

3.1 Metodologia de Coleta de Dados

Uma vez que os dados da maioria das pesquisas a respeito do processo diferem significativamente entre si, Fraser (1996) aponta para a impossibilidade de os mesmos serem correlacionados entre diferentes experimentos, ou seja, aborda a questão da replicabilidade da experimentação no campo das pesquisas sobre o processo tradutório. Para contornar este problema, Fraser propõe que os estudos sejam feitos com base em um maior rigor metodológico. Deste modo, poderão atender e responder algumas das perguntas de pesquisa e ser replicados em diferentes pares lingüísticos e em distintas condições de produção.

Em consonância com Fraser, Alves (2003, p. 71) comenta sobre a condição que os estudos em Tradução e processo de tradução se encontram atualmente (*et. seq.*):

O desenvolvimento das pesquisas na área [estudos processuais] nos últimos quinze anos revela avanços significativos no conhecimento sobre as diferentes etapas do processo de tradução, mas também destaca lacunas conceituais e metodológicas e questiona o potencial de generalizações decorrentes desses estudos (Fraser, 1996). Nos últimos anos, as investigações sobre o processo de tradução ganharam novo ímpeto com o advento de ferramentas tecnológicas que possibilitam a observação em tempo real do desempenho de informantes (Hansen, 1999a, Jakobsen & Schou, 1999) e o tratamento informático do produto de suas traduções (Laviosa, 1998; Ghadessy et al., 2001).

A posição adotada por Alves em relação à situação do campo dos Estudos da Tradução sugere que outras pesquisas a respeito do processo tradutório sejam desenvolvidas, e, com o auxílio de novas ferramentas tecnológicas, será possível, então, investigar e apresentar dados consistentes que realmente revelem esses procedimentos. Alves (2001) acredita que para que se tenha uma maior validade e complementaridade na área dos Estudos da Tradução, devam ser realizadas pesquisas em que as características do processo tradutório sejam explicitadas e descritas sem que se despreze sua natureza subjetiva. Assim, essa pesquisa adotará a perspectiva da triangulação proposta por Alves (2001, p. 78) para que os dados sejam coletados e analisados de maneira mais confiável. A triangulação, que consiste em

(...) investigar um mesmo objeto por meio de dados coletados e interpretados através de métodos diferentes aumenta, por analogia, as chances de sucesso do pesquisador em sua tentativa de observação, compreensão e explicitação de um determinado fenômeno.

Mesmo ao cruzarmos os dados obtidos por meio de duas ou mais técnicas de coleta diferentes, é importante ressaltar as dificuldades de se investigar a fase de orientação, uma vez que diversos processos cognitivos, tais como, leitura, recursão e apoio interno entram em cena. Diferentemente da fase de redação e revisão, não é possível coletar dados quantitativos para analisar dessa fase específica. Entretanto, através de relatos retrospectivos e de observação direta do pesquisador, conseguimos dados qualitativos importantes, com os quais buscamos chegar a conclusões que nos permitam melhor compreender essa fase inicial. De acordo com Jakobsen

(2005), a representação do conhecimento do tradutor que analisaremos se refere às maneiras com as quais o conhecimento processual do tradutor se manifesta em seu comportamento durante a tarefa de tradução. Apenas dessa maneira tais processos cognitivos se tornam acessíveis à observação, análise, interpretação, reconstrução e, desta forma, passíveis de serem estudados empiricamente.

3.1.1 Instrumentos de Coleta de Dados

Para que a pesquisa esteja coerente com as reflexões de Fraser (1996) e com a proposta da triangulação apresentada por Alves (2003) no que se refere à replicabilidade e à necessidade de mais rigor metodológico nas pesquisas sobre processo de tradução, nos preocupamos em utilizar instrumentos de coleta e análise de dados consistentes. Os métodos diferenciados de coleta e análise dos dados foram: o software *Translog*; os relatos retrospectivos coletados por meio da técnica de protocolos verbais (*Think Aloud Protocols*) (cf. Anexo 5); as planilhas de observação direta adaptadas das originalmente produzidas pelo Grupo PACTE (cf. Anexos 10 e 11) e o software *Camtasia* que faz gravações do processo tradutório na tela do computador em tempo real quando se utilizou o SMT. Observamos que através desses instrumentos estaremos de acordo com a proposta da triangulação proposta por Alves, pois teremos uma descrição mais objetiva, confiável e passível de generalização do processo tradutório, uma vez que o *Translog* e o *Camtasia* fornecem dados quantitativos e a retrospectiva, por sua vez, fornece dados qualitativos.

O uso das técnicas de protocolos verbais retrospectivos, feitos e gravados imediatamente após o término da atividade, nos pareceu ser a metodologia mais adequada para o que desejamos pesquisar, já que protocolos verbais concomitantes demandariam um esforço cognitivo extra para os sujeitos. Jakobsen (2003) constatou que tradutores que realizavam verbalizações

concomitantes sofriam uma influência considerável no processo tradutório. De acordo com Alves (2003), “verbalizações retrospectivas são capazes de destacar, de forma mais detalhada, relatos processuais que refletem aspectos inferenciais e contextuais relevantes para a solução de problemas e tomadas de decisão em tradução” (Alves, 2003, p. 76). Os relatos verbais nos auxiliaram para que obtivéssemos acesso aos processos inferenciais a fim de compreender e mapear de maneira mais complementar o processo de tradução.

Como variáveis controladas para a realização da pesquisa, tivemos o perfil dos tradutores (5 tradutores profissionais) (*cf.* Anexo 4), o tipo de texto (2 manuais de instrução de aparelhos elétrico-eletrônicos de aproximadamente 500 palavras) (*cf.* Anexo 1), o par lingüístico (inglês-português), as traduções feitas sem pressão de tempo e com disponibilidade de recursos de apoio externo, tais como, acesso à internet e consultas a dicionários bilíngües e monolíngües. A alimentação da memória do SMT foi feita através do alinhamento de textos paralelos por meio do recurso *alignment* do *Trados* (*cf.* Anexo 14).

Na primeira fase da análise dos dados, foi possível inferir vários indícios a respeito do comportamento cognitivo dos sujeitos a partir da análise da primeira variável independente: as traduções realizadas no programa *Translog* (*cf.* Anexo 2). O *Translog* foi desenvolvido pelos pesquisadores dinamarqueses Jakobsen e Lasse Schou da *Copenhagen Business School*. Através da função *replay* do *Translog*, pudemos observar as pausas realizadas pelo tradutor, além de todas suas escolhas e modificações lingüísticas. Jakobsen (1999, p.8) o define como (*et. seq.*)

um programa de computador que grava toda a atividade dos teclados envolvida na realização de uma tradução. Para propósitos de pesquisa, pode ser usado para complementar a observação direta e os protocolos verbais. Com informações detalhadas em tempo real sobre o processo de digitação, podemos estudar tudo o que acontece durante a tradução, quanto tempo foi gasto em determinada tarefa e a conexão entre a duração do tempo e o processamento de informação.⁷

Muitas das pesquisas a respeito do processo de tradução utilizam o *Translog* para a coleta e análise de dados, pois ele registra as pausas e tudo o que acontece no decorrer da tradução. Como exemplo, Gonçalves (2003), em sua pesquisa, fez uma relação das pausas apresentadas no registro do *Translog* com esforço cognitivo – quanto maior o tempo das pausas, maior o esforço cognitivo dos sujeitos, já que possivelmente estes estariam se defrontando com alguma necessidade de resolução de problemas ou tomada de decisões. Liparini (2005) também utilizou o *Translog* a fim de analisar as pausas, a relação tema/rema à luz da lingüística sistêmica e a como a durabilidade é afetada com a pressão de tempo.

A segunda fase da análise dos dados consistiu na verificação das traduções, através do software *Camtasia* (cf. Anexo 3), do que foi feito no sistema de memória de tradução *Trados* (este, por sua vez, analisado enquanto variável independente da pesquisa). Dessa forma, nos foi possível analisar como os tradutores aceitaram, recusaram, reajustaram ou modificaram as opções fornecidas pelo programa, bem como de que maneira lidaram com esse tipo de segmentação. Um outro aspecto importante foi que, através da visualização do *Camtasia*, foi possível quantificar a duração das pausas mais significativas e os tipos de apoio externo utilizados (páginas da internet, mecanismos de busca de termos *online*, glossários, etc.).

⁷ Minha tradução de: “a computer program that logs the keyboard activity involved in making a translation. For research purposes, it can be used to extend direct observation and to supplement think-aloud protocolling. With detailed real time information about the typing process, we can study all the editing that goes into writing a translation, how much time is spent on what translation task, and the connection between time delay and information processing.”

Visto que na literatura especializada não foram encontrados registros de pesquisas que analisassem isoladamente a fase de orientação e a orientação em tempo real, esse estudo avançou no que se refere à quantificação das pausas e das fases do processo tradutório em ambiente *Trados*. Isso foi possível a partir de uma analogia com metodologia proposta anteriormente por Jakobsen (2002). Por exemplo, para delimitarmos a duração da fase inicial de orientação de uma produção no *Translog*, bastou contar quantos segundos ou minutos o tradutor permaneceu observando o texto de partida desde o momento que ele aparece na tela até o primeiro toque de teclado realizado para a produção textual. Esse conceito foi desenvolvido por Jakobsen exclusivamente para análise do processo nesse ambiente, portanto, tivemos aí um problema metodológico.

Entretanto, por analogia, o mesmo critério sugerido por Jakobsen foi mantido na quantificação da orientação inicial em ambientes *Trados*. As pausas de apoio interno e apoio externo foram igualmente quantificadas a partir da contagem dos segundos (que aparecem no canto da janela do *Camtasia*) em que não foi realizada nenhuma produção textual. Observamos, assim, que o estudo permitiu que contribuíssemos para futuras pesquisas a serem desenvolvidas pelo SEGTRAD que utilizem a variável do uso de SMT.

As planilhas de observação direta desenvolvidas pelo Grupo PACTE inicialmente apresentavam 4 categorias (Leitura do texto original, Consultas, Pausa sem apoio externo maior que 5 segundos e Outros). Contudo, essa pesquisa fez algumas adaptações dessas planilhas. Foram excluídas as categorias “Consultas”, “Pausa sem apoio externo maior que 5 segundos” e “Outros” e incluídas as seguintes categorias: “Apoio interno”, “Apoio Externo” e “Apoio interno e externo”. Durante a observação direta, os pesquisadores fizeram anotações e marcações referentes às ações dos sujeitos tradutores, como por exemplo, consultas em dicionários e na internet, bem como as pausas sem apoio externo maiores que 5 segundos.

No que diz respeito à análise dos mecanismos de apoio interno e externo utilizados pelos sujeitos em suas traduções, nos pautamos novamente pela proposta das cadeias de ações advindas da investigação do Grupo PACTE (2005), a fim de comparar os resultados obtidos no contexto europeu com os resultados obtidos na pesquisa em tela (cujas considerações serão apresentadas no Capítulo 4).

3.1.2 Estudos Piloto

Nos anos de 2005 e 2006 dois estudos-piloto pilotos foram desenvolvidos pelo projeto SEGTRAD. No final do ano de 2005, foi realizado o primeiro estudo-piloto do grupo com o intuito de testar a variável sistema de memória de tradução. Foi feito um questionário para garantir que os sujeitos atendessem ao perfil de experto desejado. Os dois sujeitos da pesquisa (S1 e S2) realizaram traduções em cada um dos dois ambientes, e antes da coleta de dados, foi elaborado um *check-list* (cf. Anexo 9) para que os pesquisadores se guiassem, além da planilha de observação direta. Os resultados concernentes ao piloto se encontram publicados nos anais do 5º TIL (5º Workshop em Tecnologia da Informação e Linguagem Humana), indicando que o trabalho combina o campo dos processos cognitivos e do processamento de informação e o campo da tecnologia em tradução. Para fins de análise, comparamos os dados do contexto brasileiro com os dados apresentados por Dragsted no contexto europeu. Primeiramente, verificamos que o perfil dos nossos dois sujeitos se diferenciava do perfil dos sujeitos dinamarqueses, já que ambos eram tradutores profissionais e tinham experiência prévia com o uso do SMT. No que se refere à fase de orientação inicial, constatamos para S1 que ela foi um pouco menor em ambiente *Translog*. S2 não apresentou um tempo significativo de fase de

orientação no *Trados*, portanto a consideramos inexistente. Quanto aos processos de orientação em tempo real, S2 utilizou apoio externo mais vezes em ambiente *Trados*.

Já o segundo estudo piloto serviu para que os métodos e instrumentos de pesquisa fossem calibrados e finalmente validados. Foram realizadas modificações nos *check-lists*, nas planilhas de observação direta e nos questionários. Também foi adotada uma metodologia de transcrição proposta por Bernardini (2001) para que os dados fossem disponibilizados para outros pesquisadores de futuros estudos processuais no âmbito do projeto SEGTRAD. Esse segundo piloto proporcionou a validação do desenho experimental utilizado na coleta definitiva.

3.2 Desenho Experimental

A seguir serão apresentados os principais elementos que compõem o desenho experimental desta pesquisa, que incluem as variáveis dependentes e controladas: o texto de partida, o perfil dos sujeitos, a tarefa de tradução e as condições de produção.

3.2.1 Os Textos de Partida

Os textos escolhidos para as traduções nos dois ambientes de produção contêm aproximadamente 500 palavras cada um. Optamos por escolher manuais de instrução de aparelhos elétrico-eletrônicos por acreditar que são do conhecimento geral dos sujeitos, além de serem também textos comuns, de um gênero mais simples e que provavelmente faz parte da produção profissional cotidiana dos tradutores. Não foram encontradas as respectivas traduções para o português dos textos-fonte em nenhum site de busca na internet.

O texto escolhido para a tradução em ambiente *Trados* foi um manual de uma escova elétrica, e o escolhido para a tradução no *Translog* foi um manual de um aparelho que faz testes sanguíneos para detectar diabetes. Ambos continham termos técnicos da área (conferir textos-fonte no Anexo 1).

3.2.2 Os Sujeitos

Para esta pesquisa foram escolhidos 5 tradutores que trabalham com o par lingüístico inglês/português, com o mínimo de 6 anos de experiência e que fazem da tradução sua principal fonte de renda. A coleta de dados foi realizada na cidade de São Paulo no mês de julho de 2006. Os tradutores responderam anteriormente a um questionário que nos permitiu analisar se os sujeitos se encaixavam no perfil desejado (conferir os perfis dos tradutores através dos questionários anônimos no Anexo 4).

Diferentemente das pesquisas anteriores realizadas pelo SEGTRAD, optamos por fazer dessa coleta uma atividade remunerada para os sujeitos. Essa proposta vem inicialmente do Grupo PACTE, em que todos os tradutores que participam de suas pesquisas recebem uma quantia em dinheiro para que a tarefa se aproxime ao máximo de sua condição normal de trabalho. Isso se deve ao fato de que, assim como o Grupo PACTE, também acreditamos que a remuneração proporcione um caráter mais sério e confiável para a pesquisa, visto que nessas condições, a atividade não está sendo feita como um ato voluntário, mas profissional, como qualquer outro que venha a surgir do mercado de trabalho.

Após assinar um termo de consentimento relativo à disponibilização dos dados e autorização de sua análise por parte do SEGTRAD (PARECER COEP/ETIC 126/05 aprovado

em 11/05/2005), os sujeitos fizeram a tradução primeiramente em ambiente *Translog* e depois de 1 dia, em ambiente *Trados*.

3.3 Metodologia de Análise dos Dados

Quanto à análise dos dados, foi adotada uma metodologia específica para que chegássemos à proposta de escala de implicação cognitiva presente na figura abaixo. Nela estão presentes as cadeias dos tipos de apoio utilizados pelos tradutores durante as pausas de orientação. Essas pausas aconteceram nas três etapas do processo, como observamos no quadro 31, porém, cada uma das fases apresentou pausas e apoios mais ou menos característicos, como serão descritos adiante no quadro 33.

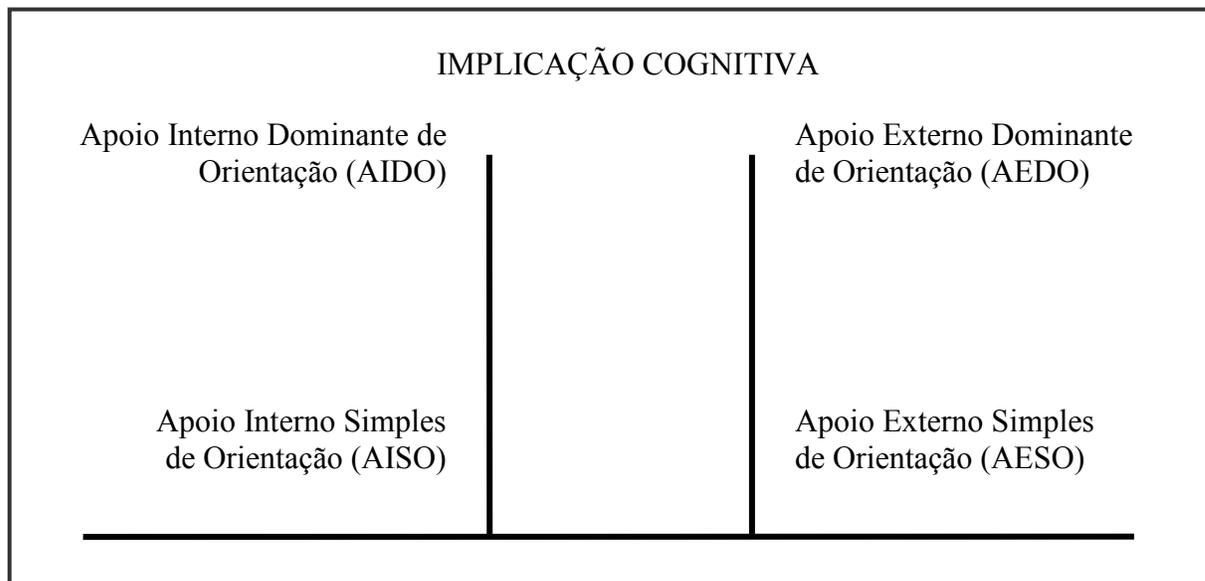


Fig. 2a: Figura adaptada do Grupo PACTE referente ao grau de implicação cognitiva necessário às categorias de seqüências de ações em pausas de orientação.

Como já foi comentado, a divisão proposta nas figuras 2 e 2a foi feita juntamente com a pesquisadora Bartira Gotelipe, membro da equipe do projeto SEGTRAD. Essas categorias

refletem a dificuldade de rotular as ações advindas dos processos cognitivos mentais dos tradutores. Atentos ao foco da pesquisa, não comentaremos neste trabalho as pausas e apoios utilizados na fase de revisão e nos processos de revisão *online*. Apenas nos concentraremos no detalhamento das pausas de orientação e na fase de orientação em tempo real, ou seja, nas pausas que contém AISO, AESO, AIDO e AEDO.

Houve muita dificuldade em se classificar as pausas e os tipos de apoio nelas utilizados, pois muitas das pausas fugiam à regra proposta inicialmente por Jakobsen (conferir próximo capítulo). Esses foram casos complexos que exigiram cautela, mas principalmente, exigiram também a demarcação de parâmetros de comparação para sua classificação.

Além disso, as pausas das traduções realizadas em ambiente *Trados* têm uma qualidade diferenciada das presentes em ambiente *Translog*, visto que o próprio ambiente computacional apresenta características específicas e requer comandos exclusivos para o seu funcionamento (como exemplo, existe o tempo gasto para abrir ou fechar os segmentos, além dos ajustes no programa, das modificações externas da bancada de trabalho, etc). Mais uma vez, trata-se de um ambiente peculiar que demandou cautela na delimitação de parâmetros para a categorização das pausas e dos respectivos apoios.

No que diz respeito ao resultado final do trabalho feito em conjunto, do lado esquerdo inferior da figura ilustrativa acima, temos a categoria “Apoio Interno Simples de Orientação” (AISO), referente aos conhecimentos que o tradutor necessita para solucionar problemas simples de planejamento. Ainda no patamar inferior, ao lado direito, temos “Apoio Externo Simples de Orientação” (AESO). Este tipo de apoio ocorre quando o sujeito não tem os conhecimentos declarativos suficientes para tomar uma determinada decisão de tradução e recorre a subsídios externos para a solução do problema.

Na parte superior da figura ao lado esquerdo, temos a categoria “Apoio Interno Dominante de Orientação” (AIDO), indicando que o apoio externo ocorreu para fins de orientação. Porém, o apoio externo neste tipo de pausa é tido como secundário, já que é desconsiderado e a decisão é tomada a partir do peso dominante do apoio interno. No canto superior direito da figura, temos a categoria “Apoio Externo Dominante de Orientação” (AEDO), em que ocorre exatamente o contrário: o tradutor se utiliza de apoio interno para tentar solucionar o problema, porém, é necessário que recorra mais de uma fonte externa de pesquisa (ou seja, que realize um busca complexa) para tomar a decisão.

A identificação dos sujeitos, as categorias de implicação cognitiva de pausas e apoios a que faremos referência na análise e discussão dos dados encontram-se sistematizadas na lista abaixo:

TIPO DE PAUSA/APOIO / SUJEITO	SIGLA
Apoio Interno Simples de Orientação	AISO
Apoio Externo Simples de Orientação	AESO
Apoio Interno Dominante de Orientação	AIDO
Apoio Externo Dominante de Orientação	AEDO
Pausa de Orientação	PO
Pausa Operacional	POP
Pausa Extra-tarefa de Tradução	PET
Leitura do Texto Original	LTO
Sujeito 1 de inglês em ambiente <i>Translog</i>	SI1
Sujeito 2 de inglês em ambiente <i>Translog</i>	SI2
Sujeito 3 de inglês em ambiente <i>Translog</i>	SI3
Sujeito 4 de inglês em ambiente <i>Translog</i>	SI4
Sujeito 5 de inglês em ambiente <i>Translog</i>	SI5
Sujeito 1 de inglês em ambiente <i>Trados</i>	SI1M
Sujeito 2 de inglês em ambiente <i>Trados</i>	SI2M
Sujeito 3 de inglês em ambiente <i>Trados</i>	SI3M
Sujeito 4 de inglês em ambiente <i>Trados</i>	SI4M
Sujeito 5 de inglês em ambiente <i>Trados</i>	SI5M

Lista 1: Siglas dos tipos de pausas, apoios e identificação dos sujeitos referenciados na pesquisa.

Capítulo 4: ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, a análise dos dados processuais será conduzida na tentativa de responder às perguntas de pesquisa relativas ao processo de tradução apresentadas na introdução do trabalho. Inicialmente consideraremos o processo de tradução em ambiente *Translog*, sua respectiva fase inicial de orientação e seus respectivos processos de orientação em tempo real. Em seguida, discutiremos a fase de orientação em ambiente *Trados* e seus processos de orientação *online*.

4.1 Tradução em Ambiente *Translog*

Nesta seção, tentaremos mapear a primeira fase do processo tradutório em ambiente de produção cognitiva natural dos cinco sujeitos participantes da pesquisa. Em seguida, analisaremos seus respectivos tipos de apoio e pausas de orientação em tempo real presentes nas fases seguintes de redação e revisão.

4.1.1 A Fase Inicial de Orientação em Ambiente *Translog*

Em termos de tempo absoluto, poucos segundos foram dedicados a essa etapa. Ainda, em termos de tempo relativo, os sujeitos dedicaram pouco tempo à fase inicial de orientação em relação ao tempo total do processo de tradução. A seguir, estão as tabelas dos tempos absoluto e relativo dos sujeitos:

	Orientação	Redação	Revisão	Total
SI1	10	3293	980	4283
SI2	12	2144	32	2188
SI3	30	3371	376	3777
SI4	25	3722	1327	5074
SI5	37	2033	1745	3815

Tabela 1: Tempo absoluto em segundos das três fases do processo tradutório no Translog.

	Orientação	Redação	Revisão	Total
SI1	0,20%	76,90%	22,90%	100%
SI2	0,60%	98,00%	1,40%	100%
SI3	0,90%	89,20%	9,90%	100%
SI4	0,50%	73,40%	26,10%	100%
SI5	0,90%	53,30%	45,80%	100%

Tabela 2: Tempo relativo das 3 fases do processo tradutório no Translog.

Em seguida, comentaremos sobre o que indicam os dados das tabelas 1 e 2. Estas se referem à quantidade de tempo absoluto e tempo relativo referente ao processo de tradução em ambiente *Translog*. Para tanto, será realizada uma análise individual de cada um dos sujeitos a partir da fase inicial de orientação dos tradutores descritos nos trechos das planilhas detalhadas (cf. Anexo 12).

Tempo	Duração	Tipo de pausa	Tipos de apoio	Observações
00:00:00	10''	PO	LTO + AISO	Fase inicial de orientação.

Quadro 1: Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI1.

O tempo de duração da fase inicial de orientação de SI1 foi de 10 segundos, o que corresponde a 0,2% do tempo total. SI1 é o tradutor que dedica menos tempo para a fase inicial de orientação. Neste momento, o tradutor faz uma leitura muito rápida do texto original antes de

iniciar a tradução. É importante enfatizar que na tabela detalhada de pausas e apoios, descrevemos essa pausa inicial como pausa de orientação (PO) de apoio interno simples com leitura do texto original (AISO+LTO) porque nesse primeiro momento o tradutor necessita ler ao menos a primeira sentença do texto na língua fonte. Em seguida temos o indício (aos 00:10:00) de que se inicia a fase de redação uma vez que sujeito digita o caractere “o”. Posteriormente, aos 00:15:00, digita o termo “OWBER”⁸. Essa poderia ser uma estratégia, já que ao término da tradução ele não consultaria o texto de partida, mas apenas o seu próprio texto de chegada, e finalmente tentaria solucionar os problemas pendentes. Entretanto, ao perceber o equívoco de não traduzir, mas sim transcrever o texto (e mesmo assim incorretamente), logo apaga a palavra, pausa durante 40 segundos (de 00:22:00 a 00:01:02) e traduz a sentença “Owner’s Booklet” como “Manual Proprietário” (e não “Manual do proprietário”). Percebemos, assim, que no início da tarefa, SII não estava atento ao que deveria traduzir, pois ele começa a escrever o texto na língua fonte, e não na língua alvo como deveria acontecer.

Alguns tradutores afirmam, através dos relatos retrospectivos, fazer determinadas ações que não condizem com as anotações dos pesquisadores nas planilhas de observação. Por exemplo, SII diz ler o texto de partida antes de iniciar a tradução e diz ainda ter pesquisado o termo “fresh capillary”, porém essas ações não foram observadas pelo pesquisador e, portanto, não foram registradas nas planilhas de observação.

RELATO 1 (SII)

P: (...) Você costuma ler o texto de partida antes de traduzi-lo? </i>

SII: Leio.

P: <i>Existe algum tipo especial de texto que você lê com mais atenção antes de começar a traduzir? </i>

SII: Quando a linguagem é muito específica, muito técnica, muito <int=interromp> aí a gente dá uma lida antes. Quando é uma coisa mais comum, sei lá, um artigo de

⁸ Os termos que estão entre aspas referem-se aos trechos dos textos de partida e ao que foi digitado pelos sujeitos em suas traduções.

revista, alguma coisa assim, aí eu vou traduzindo direto. Mas se é uma coisa mais específica, aí a gente presta mais atenção.

P: *<i>Você pesquisou algo específico quando fez a leitura de orientação?</i>*

SI1: *Pesquisei aquele termo, <i>fresh capillary</i>.*

Além disso, o sujeito, no fluxo de produção, traduz os dois parágrafos iniciais do texto e deixa de traduzir o terceiro. O equívoco foi que traduziu os tópicos “Owner’s Booklet”, “The AC Advantage System” e deixou de redigir, em português, o que vinha em seguida desses tópicos. Ao invés de traduzir, ele digita “Why regular...”.

Embora tais equívocos tenham ocorrido no início do processo de SI1, notamos que a duração da fase de orientação foi muito semelhante à de SI2, como verificamos no quadro 2 abaixo:

Tempo	Duração	Tipo de pausa	Tipos de apoio	Observações
00:00:00	12”	PO	LTO + AISO	Fase inicial de orientação

Quadro 2: Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI2.

SI2 dedicou apenas 12 segundos para a fase de orientação, correspondentes a 0,6% do tempo total da tarefa. Pelas planilhas sabemos que o tradutor não fez nenhuma busca antes de começar a traduzir, mas, de qualquer forma, através dos relatos não é possível saber se essa busca ocorreu ou não.

RELATO 2 (SI2)

P: *(...) Existe algum tipo especial de texto que você lê com mais atenção antes de começar a traduzir?</i>*

SI2: *Sim, textos como, por exemplo, de áreas específicas, como, por exemplo, contratos. Traduzi muito mais no passado, mas, hoje, tenho traduzido bem pouco. Contrato tem uma terminologia, um linguajar que a gente chama de jurídiquês, muito específico com aquele <int=interromp> de vez em quando, na lista de tradutores rola uma discussão sobre, sobre os termos da lei. Então, sobre a égide dos termos da lei, como é que começou. Então, aquele monte de palavreado que é para não ter dupla interpretação. Então, a gente tem que tomar cuidado com o legalês. Numa tradução*

dessa área médica, por exemplo, você tem que ter certeza do que esta traduzindo também por causa das conseqüências.

P: Antes de começar a tradução, você fez alguma pesquisa específica, ou <int=interromp>?

SI2: Normalmente, eu quase não pego fora da minha área. Então, fora da área que eu domino, para exatamente não ter que ficar apanhando. Quando eu pego, aí a tradução, não que eu faça uma pesquisa <int=interromp> vale para mim, não sei se para quem, o que tudo mais vale. Eu tenho uma base de conhecimento geral boa, então, eu vou fazendo associação até chegar, e qualquer coisa, aqui está o answers.com que quebra qualquer <int=interromp>.

No trecho do relato retrospectivo 2 acima, SI2 afirma fazer pesquisas antes de iniciar a tradução apenas de áreas que não domina. A pausa curta e a ausência de indicações na planilha de observação de que o tradutor apresentou apoio externo indicam que ele tem conhecimento do assunto e que estava confiante ao começar a tradução.

Com relação a SI3, a fase de orientação inicial é também semelhante. O respectivo trecho da planilha de observação direta encontra-se abaixo:

Tempo	Duração	Tipo de pausa	Tipos de apoio	Observações
00:00:00	30''	PO	LTO + AISO	Fase inicial de orientação

Quadro 3: Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI3.

SI3 gastou 30 segundos nessa fase, o que corresponde a 0,9% do tempo total. De acordo com os relatos e com as planilhas de observação e com o relato retrospectivo do sujeito, nenhuma busca foi feita antes que iniciasse a tarefa, apenas uma leitura rápida do texto.

RELATO 3 (SI3)

P: <para=risos><i>E você pesquisou algo específico antes de começar a tradução?</i>

SI3: Não, antes não, porque mais ou menos eu tinha conhecimento do que era e <incompreensível> se fosse uma coisa estrombólica, que eu nunca tivesse visto, aí eu ia pesquisar antes para saber como é que <incompreensível>”

O sujeito 3 não faz nenhuma busca durante a fase de orientação porque afirma ter conhecimento sobre o assunto do texto de partida. O tempo de duração da fase inicial também não se diferencia muito de SI4, como observamos no quadro a seguir:

Tempo	Duração	Tipo de pausa	Tipos de apoio	Observações
00:00:00	25"	PO	LTO + AISO	Fase inicial de orientação

Quadro 4: Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI4.

SI4 também despendeu poucos segundos na fase de orientação: apenas 25 segundos, isto é, 0,5% do tempo da tradução. De acordo com as planilhas, mais uma vez não é possível confirmar as buscas que o tradutor diz fazer no relato retrospectivo (*et seq*):

RELATO 4 (SI4)

P: *<i>E você pesquisou algo específico quando fez a leitura de orientação?</i>*

SI4: *Nesse texto aqui? Mais esses termos aí do <i>lancet</i>, que eu procurei aqui no dicionário médico. <pausa> Do diabetes mesmo, se ele é masculino ou feminino. Mais isso, porque eu não tinha acesso à internet. Se eu tivesse, ia me ajudar bastante."*

Com exceção do relato 4, em que SI4 afirma ter pesquisado o termo "lancet" no dicionário médico, percebemos que a duração da fase inicial em termos relativos é muito semelhante da dos outros sujeitos. Já com relação a SI5, temos um pequeno acréscimo neste tempo, como observaremos a seguir:

Tempo	Duração	Tipo de pausa	Tipos de apoio	Observações
00:00:00	37	PO	LTO + AISO	Fase inicial de orientação

Quadro 5: Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI5.

SI5 dedicou 37 segundos à fase inicial de orientação. Embora tenha gasto 7 segundos a mais que SI3, o tempo relativo entre os sujeitos foi o mesmo, 0,9%. Não foi feita nenhuma pesquisa durante a fase inicial de tradução, como observaremos no trecho do relato retrospectivo abaixo:

RELATO 5 (SI5)

P: *<i>Você pesquisou algo específico antes de começar a traduzir?</i>*

SI5: *Aqui não né, eu teria, no caso desse texto, eu teria em casa um dicionário médico <incompreensível> que talvez me desse nesse texto uma ajudinha a mais no <i>tingling</i>, qualquer coisa assim, mas não traria muito mais recurso.”*

SI5 foi o sujeito que mais dedicou tempo à fase de orientação em relação às outras fases do processo. Os 37 segundos indicam que foi realizada uma breve leitura do texto original com apoio interno simples de orientação. Embora esse tempo seja um pouco maior que o apresentado pelos outros tradutores, não significa que a natureza da fase inicial seja diferenciada. Todos os cinco sujeitos apresentaram os mesmos tipos de apoio antes de iniciar a tradução. Na seqüência, apresentaremos quais os tipos de apoio ocorreram nesse mesmo ambiente, porém, durante as fases de redação e revisão.

4.1.2 Processos de Orientação em Tempo Real em Ambiente *Translog*

Discutiremos agora as pausas de orientação e os respectivos apoios que nelas se manifestam. De antemão, podemos afirmar que não ocorreu nenhuma pausa operacional, já que o *Translog* não oferece recursos que podem ser ajustados ou modificados pelos tradutores durante a tradução, tampouco necessita de um tempo para que o programa abra ou feche segmentos.

TIPO DE APOIO	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
AISO		16		16
AESO		08		08
AEDO		01		01
AESO+LTO		02		02
AISO+LTO	01	02	01	04

Quadro 6: Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SII.

TIPO DE PAUSA	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
PO	01	29	01	31

Quadro 7: Tipos de pausa utilizados por SII.

Durante o processo de tradução de SII e de acordo com os quadros acima, temos que ele realizou 31 PO. Dessas 31 pausas, 1 delas ocorreu no início da tradução em que ocorreu AISO+LTO. Mais duas pausas desse tipo ocorreram aos 00:25:42 (com duração de 30 segundos) e aos 00:32:31 (esta foi uma pausa curta, com duração de 5 segundos). A quarta pausa de AISO+LTO ocorreu aos 01:09:21 e durou também 30 segundos, e é muito interessante pois é como se o tradutor passasse por um segundo processo de planejamento visto que antes de terminar a revisão (*cf.* Gotelipe, cujos dados indicam que a fase de revisão foi considerada de acordo com o processo do tradutor, e não de acordo com os padrões definidos por Jokobsen), já que o tradutor ainda não havia traduzido o último parágrafo. O tradutor começa seu processo de revisão antes de digitar o último ponto final e em seguida, começa um segundo processo de orientação para começar a traduzir o parágrafo pendente, daí a pausa de orientação. A ilustração a partir da representação linear encontra-se na figura abaixo:

O diagrama mostra uma sequência de eventos de tradução e revisão. Cada evento é representado por um símbolo: um retângulo azul para a fase de orientação (AISO+LTO) e um retângulo verde para a fase de redação (AESO). As setas indicam a direção do fluxo: setas azuis apontando para cima indicam orientações, e setas verdes apontando para baixo indicam redações. O texto traduzido é exibido em uma linha de caracteres coloridos correspondentes aos eventos. O texto finalizado é: "Se•você•perceber•qualquer•um•desses•sintomas... Se•o•resultado•exibido•for•L... (baixo)•ou•HI(alto)... (alto),•prou•cure•um•méditoim... co•imediate...amente."

Outras 16 ocorrências AISO aconteceram na fase de redação. Aos 23:46, o tradutor clica na tecla *enter* do teclado (com um intervalo de 25 segundos) e neste momento digita “2.” (referente ao segundo tópico do texto), entretanto, não traduz o segundo tópico do texto. Em seguida, ocorre uma pausa de revisão de 15 segundos, e então temos mais uma pausa de 1 minuto e 4 segundos de AESO, já que o tradutor abre o site do *Eurodicautom*. Após essa pausa, traduz enfim a sentença referente ao tópico 2 do texto. Ao contrário da primeira ação no início da tarefa, em que transcreve o texto na língua fonte, esse comportamento demonstra recursividade e capacidade de gerenciar o processo tradutório. Não houve AIDO nas pausas de orientação de SI1.

No que se refere às outras 8 pausas de AESO, a maioria para pesquisa de termos na internet, mais especificamente nos sites do *Eurodicautom* e do *Google* (não é possível saber quais são todos os termos pesquisados, uma vez que não há detalhamento nas planilhas de observação tampouco nos relatos retrospectivos). Um outro caso interessante ocorre após a pausa de AESO que ocorre aos 00:53:31 (com duração de 1 minuto e 20 segundos durante a qual o sujeito pesquisa “fresh capillary” no *Google*). Nesta pausa o sujeito vai para o início do texto e coloca o cursor em um espaço que tinha deixado no meio do texto (um trecho traduzido, porém incompleto). A partir desse momento, por mais 4 minutos 43 segundos, utiliza apoio externo para pesquisar novamente “fresh capillary” na internet, e embora essa pausa tenha sido classificada como uma pausa de revisão, percebemos que o tradutor ainda sentia a necessidade de pesquisar o termo e tomar a decisão (conferir representação linear do *Translog* abaixo). A transcrição a seguir apresenta evidências deste tipo de comportamento visto de uma perspectiva meta-cognitiva:

*** [^][^]"r<fresh+capila<lary"

RELATO 6 (SI1)

SII: (...) Eu estava pesquisando novamente o primeiro termo, do começo, e aí eu não alcancei resultado nenhum, na pesquisa online, e também se eu tivesse um dicionário, estaria lá, mas como não tinha eu mantive <pausa> e aí depois lendo eu fui vendo as melhores resoluções e fui colocando. Já vi que eu mudei bastante coisa depois daquele final, consultei os erros e mudei algumas coisas <pausa> <i>fresh capillary</i> que eu não achei, em lugar nenhum <pausa> eu tomei a decisão por <i>fita</i> o <pausa> <i>tira</i>, né? A gente tem um recurso no google que chama google fight, então lá você coloca a sua resolução. Por exemplo, se eu estou em dúvida entre dois termos, e aí ele te mostra qual que é mais usado, e aí no geral você opta pelo que é mais usado <pausa>.

Uma das ocorrências de AESO+LTO ocorreu aos 00:28:33 e durou 1 minuto e 28 segundos, na qual o tradutor visitou a *webpage* do *Eurodicautom* para pesquisar o termo “lancet”. O tradutor opta por traduzi-lo como “lanceta”, mas o curioso é que ao digitar o termo, ele o apaga e apaga também o que tinha escrito antes da interrupção. Na seqüência, o tradutor escreve os mesmos termos que havia apagado (“segure o dispositivo de lanceta”). A outra pausa de AESO+LTO foi uma pausa longa que ocorreu aos 00:15:49 e durou 6 minutos e 37 segundos pois o sujeito vai ao site do “Cadê” e do *Google* para procurar por “fresh capillary”. Esta não foi a única busca que o sujeito fez desse termo, foi necessário o auxílio de várias buscas externas para que tomasse a decisão final. Ao invés de colocar qualquer opção para depois corrigi-la na fase de revisão ou através de processos de revisão *online*, o sujeito optou por não proceder dessa forma e decidiu ter mais segurança antes de tomar a decisão. Entretanto, mesmo com todo o auxílio externo da internet e do dicionário impresso, o tradutor não traduziu o termo, optando por deixá-lo na língua fonte. Abaixo temos o relato retrospectivo do sujeito acerca desse problema de tradução:

RELATO 7 (SI1)

P: (...) Essa pausa, você gostaria de comentar?

SII: É, porque na verdade <pausa> eu estava pesquisando. A maioria das pausas <int=interromp> as maiores pausas que eu fiz foi durante a pesquisa <pausa> Olha, provavelmente deve ter sido o <i>capillary</i>, <i>fresh capillary</i>, que, aliás, eu não achei <pausa> <incompreensível> <pausa>”.

De 00:05:12 a 00:09:20 (pausa longa com duração de 4 minutos e 41 segundos) ocorreu a única pausa de AEDO, pois o sujeito pesquisa tanto no *Google* quanto no *Euradicautom* os termos “glucose meter”. Portanto, durante as pausas de SI1, o AISO foi o tipo de apoio que se destacou. Já com relação a SI2, temos:

TIPO DE APOIO	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
AISO		24		24
AESO		01		01
AESO DUPLO		01		01
AISO+LTO	01	08		09
AESO+LTO		02		02
AEDO		02		02

Quadro 8: Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI2.

TIPO DE PAUSA	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
PO	01	38		39
PET		05		05

Quadro 9: Tipos de pausa utilizadas por SI2.

SI2 apresenta um perfil bem diferenciado pois seu tempo total de tradução foi bem menor que o dos outros sujeitos, com a duração de apenas 36 minutos e 28 segundos. Apresenta também um número de pausas um pouco mais elevado que o sujeito 1, sendo 39 ocorrências no total. Uma delas ocorre na fase inicial de orientação em que o sujeito utiliza AISO+LTO antes começar a tarefa. Totalizando, são 24 pausas de AISO, sendo que esse foi o tipo de apoio para planejamento mais utilizado durante o processo.

Durante a fase de redação, o tradutor fez também algumas buscas externas, entretanto, de acordo com a nossa classificação, ocorreu apenas 1 pausa de AESO. Esta pausa aconteceu aos 00:33:48 e durou apenas 10 segundos utilizados para pesquisar um termo no dicionário *Webster's*.

A pausa de AESO DUPLO aconteceu aos 00:01:28 e durou 1 minuto e 35 segundos para a pesquisa do termo “glicose” no site *www.answers.com* e para a procura do termo “diabetes” no dicionário impresso *Houaiss*.

Ocorreram 2 pausas de AEDO. A primeira foi aos 00:05:35 e durou 1 minuto e 33 segundos para a pesquisa do termo “lanceta” no dicionário impresso *Houaiss* e no *www.answers.com* (abaixo, a representação linear e o relato retrospectivo do tradutor confirmam a pausa). A segunda pausa foi aos 00:31:16 com duração de 1 minuto e 15 segundos para pesquisar um termo no *Webster's* e no *www.answers.com*:

♦(glicose)♦[*:01.13.33][↵]☒♦poara♦

RELATO 8 (SI2)

SI2: *Aí eu devo ter procurado em um dicionário; eu fui pesquisar. Ah sim, a hora que eu fui ver <i>lancetas</i>.*

As duas pausas AESO+LTO não foram pausas longas. A primeira durou 10 segundos e ocorreu aos 00:08:33. Aos 00:26:00 acontece a segunda pausa com a duração de 25 segundos, em que o sujeito vai ao Dicionário *Webster's*. Ocorreram também 9 pausas de AISO+LTO: a primeira delas na fase de orientação e as outras 8 na fase de redação (é possível saber que isso ocorreu através da representação linear do *Translog* em que estão descritos os acionamentos da barra de rolagem).

É interessante notar que durante o processo de tradução de SI2 ocorreram 5 PET, em que o tradutor interagiu com os pesquisadores ou com outras pessoas que se encontravam no ambiente de pesquisa, abriu o MSN ou atendeu ao telefone. Esse tipo de ação nada se relaciona

com o processo de tradução, contudo, ao somar o tempo de todas essas interrupções, nota-se que o tradutor gastou 3 minutos e 10 segundos apenas com esse tipo de ação.

De modo geral, poucas pausas de apoio externo (simples ou dominante) ocorreram nas fases subsequentes à fase de orientação de SI2. No que se refere às pausas e apoios de SI3, temos:

TIPO DE APOIO	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
AISO		24		24
AESO		03		03
AESO DUPLO		01		01
AEDO		01		01
AISO+LTO	01	08		09
AESO+LTO		02		02

Quadro 10: Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI3.

TIPO DE PAUSA	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
PO	01	39		40
PET		01		01

Quadro 11: Tipos de pausas utilizadas por SI3.

SI3 apresentou 40 POs e apenas 1 PET. Mais uma vez, assim como os sujeitos 1 e 2, o maior número de pausas são as que ocorrem AISO, finalizando 24 ocorrências. Nessas pausas, o tradutor reflete e tenta compreender a unidade de tradução no texto de partida e apenas através de seus conhecimentos tenta encontrar a melhor solução. Houve também 9 ocorrências de AISO+LTO; é possível classificar essas pausas como tal pois através das planilhas temos as anotações de que o tradutor acompanhava o texto impresso ou então é possível verificar, através do sinal na representação linear do *Translog*, que o tradutor utilizou a barra de rolagem de texto.

Comentaremos agora uma seqüência de duas pausas de AESO. Esta seqüência tem início aos 00:11:32, em cujos 30 segundos ocorre AESO, pois o sujeito acessa o site do *Google* para buscar os termos “capilares frescos”. Em seguida, aos 00:12:17 temos mais uma busca com

duração de 35 segundos em que o tradutor utiliza novamente AESO visto que visita o site do *Google*, contudo, não é possível saber qual termo é pesquisado. A representação linear do *Translog* e o relato retrospectivo correspondentes a essa pausa encontram-se abaixo. A terceira e última pausa de AESO ocorre aos 00:54:24, com duração também de 35 segundos.

apoio aprovado para ***** tirar amostragens de de capilares ***** fr

RELATO 9 (SI3)

SI3: *Aí eu fui procurar o <i>fresh capillary</i> gente, eu nem sei o que eu fiz <pausa> Porque tudo o que é relacionado à medicina você tem que tomar cuidado. Está certo, é só um manual de coleta de sangue, rapidinho, não sei o quê <incompreensível> para quem está acostumado a traduzir manuais de máquina, de equipamento, desse tipo de coisa, a gente fala: - Muito cuidado com a exatidão do termo; Se você traduziu alguma coisa errada, você induziu o leitor ao erro, você está ferrado. Vem direto para a gente, que é o tradutor.*

A única busca de AESO DUPLO ocorreu aos 00:53:00 e durou 1 minuto e 15 segundos, nos quais o tradutor acessou o *Google/ferramentas de idiomas* e procurou pelos termos “tingling”, “tinglind is the” e “numberness is the”.

Ocorreu ainda uma pausa de AEDO aos 00:16:48, durante a qual o tradutor acessa o site do *Google/ ferramentas de idiomas* para pesquisar “vial” e “vial test tube” e também acessa o site da *Wikipedia*. Em seguida, após digitar “2.”, aos 00:18:27, temos uma pausa de AESO+LTO aos 00:16:48 com duração de 1 minuto e 35 segundos; durante esse intervalo o tradutor acessa o *Google* para procurar por “Exame de sangue” e também acessa um site sobre diabetes para auxiliá-lo. Apenas aos 00:19:30 ele retorna à janela de trabalho no *Translog* (ver relato retrospectivo abaixo). Na segunda pausa de apoio externo simples combinado com leitura do texto original que ocorreu aos 00:27:26 e durou 25 segundos, o tradutor visitou o site do *Google*.

RELATO 10 (SI3)

SI3: *Aí eu fui procurar o <i>vial</i> que dava até para entender pelo desenho, mas eu queria saber qual era a terminologia correta. E aí deu para ver no dicionário, direitinho porque <incompreensível> eu não sei se é bem isto. <pausa> Tudo isso que você vê <incompreensível> é coisa que eu fui pesquisar na internet. <pausa> <para=tosse>.*

SI3 apresentou 40 pausas de orientação com características bem diversificadas, cujos apoios variam desde apoio interno simples de orientação a apoio externo simples duplo de orientação.

Já com relação a SI4, percebemos que praticamente o mesmo número de pausas (39 no total) já descreve tipos de apoios menos variados, como está descrito no quadro 12:

TIPO DE APOIO	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
AISO		35		35
AESO		01		01
AISO+LTO	01	02		03

Quadro 12: Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI4.

TIPO DE PAUSA	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
PO	01	38		39

Quadro 13: Tipos de pausas utilizadas por SI4.

SI4 apresentou uma pausa inicial de AISO+LTO correspondente a 25 segundos em que digitou o caractere “m” e logo teve uma outra pausa de 10 segundos e só então digitou “anual do proprietário” (representação linear abaixo). Essa segunda pausa foi caracterizada como AISO pois o tradutor ainda estava planejando como iria traduzir a primeira sentença.

[Start][ResizeST]*****m**anual•do•proprietário•

SI5 apresentou 36 pausas de orientação. A primeira pausa de AISO+LTO ocorreu na fase inicial de orientação. Ocorreram outras 11 pausas AISO+LTO, algumas delas devido à representação linear do *Translog* em que a barra de rolagem que indica que o tradutor manteve o foco de seu olhar por algum tempo no texto da língua fonte. As outras ocorreram porque o sujeito necessitou da ajuda do texto impresso (de acordo com as planilhas de observação). Uma dessas pausas ocorreu aos 00:17:33, na qual durante 1 minuto e 5 segundos foi possível perceber que o tradutor volta ao início do texto com a seta do mouse, ou seja, está se orientando para continuar com o processo de tradução, como observamos a seguir:



Durante a fase de redação, houve 23 ocorrências de AISO e um fato curioso: este sujeito apresentou duas pausas de orientação juntamente com revisão (PR+PO) na fase final de revisão. A primeira delas se deve ao fato que o tradutor, aos 00:40:38, além de tomar a decisão ao traduzir um termo que não havia sido traduzido (“lancet”) , também fez algumas modificações quanto à ordem de alguns termos nessa mesma sentença que já havia sido traduzida. Classificamos dessa forma pois essa foi a primeira vez que o sujeito traduziu esse termo e utilizou apoio interno simples de planejamento para, então, prosseguir com a tarefa como vemos em seguida:



A outra pausa de orientação com revisão ocorreu aos 00:47:51. O tradutor interrompeu o processo de revisão para se utilizar de apoio interno com o intuito de tomar uma decisão que

ainda não tinha ocorrido. Coincidentemente, esse termo também era “lancet”, o qual mais uma vez foi traduzido na fase final do processo. Isso demonstra uma capacidade de gerenciar o processo de tradução, e embora esse processo não se caracterize como linear, o sujeito consegue solucionar o problema no final. Diferentemente de todos os outros sujeitos, não houve nenhuma pausa de pesquisa de apoio externo durante o processo em ambiente *Translog*. Contudo, igualmente aos outros tradutores, percebemos a supremacia do AISO como categoria dominante.

A seguir, temos a tabela 3 que indica o total de ocorrências de dos usos de apoio interno, externo e suas variações em ambiente *Translog* nas fases de orientação, redação e revisão. De todas as ocorrências, o AISO é a que mais se destaca no processo de todos os sujeitos. Isso indica que os sujeitos pouco utilizaram apoio externo e suas variações, ou seja, se valeram mais de seus próprios conhecimentos subjetivos durante as pausas de orientação. Essa questão será retomada na discussão dos dados (*cf.* seção 5.3).

	AISO +LTO	AISO	AIDO	AIDO +LTO	AESO	AESO DUPLO	AESO +LTO	AEDO	AISO +AISR
S1	4	16			8		2	1	
S2	9	24			1	1	2	2	
S3	9	24			3	1	2	1	
S4	3	35			1				
S5	12	24							2

Tabela 3: Consolidação do uso de apoio interno, externo e variações no Translog.

4.2 Tradução em Ambiente *Trados*

Nesta seção serão apresentados os dados referentes à tradução em ambiente *Trados*. Primeiramente, comentaremos as características da fase inicial de orientação no *Trados*, e na seqüência, os tipos de pausas e os apoios utilizados durante a tradução com a utilização do SMT.

4.2.1 A Fase de Orientação Inicial em Ambiente *Trados*

De acordo com as hipóteses iniciais da pesquisa, acreditávamos que o tempo dedicado à fase de orientação neste ambiente seria reduzido ao ser comparado com a orientação em ambiente cognitivo natural. Isso se deve ao fato de que no *Trados* o tradutor já tem as unidades de tradução como opção, ou seja, hipoteticamente, ele não precisaria se orientar por muito tempo, bastaria abrir os segmentos, aceitá-los, modificá-los ou ignorá-los. Não obstante, ao utilizar um sistema de memória de tradução, o tradutor tem um tipo de apoio externo particular como condição dada de antemão, já que o próprio *software* pode oferecer segmentos com as devidas paridades (total, parcial ou nula). Cabe ao tradutor aceitar, modificar ou recusar os segmentos ou os termos que são oferecidos.

Ao trabalhar com o Sistema de memória de tradução *Trados*, observamos que o tempo dedicado pelos tradutores à fase de orientação inicial é praticamente inexistente, como é mostrado nas tabelas a seguir. Os cinco sujeitos participantes da pesquisa se ocuparam apenas em fazer ajustes nos recursos do *Trados*, como por exemplo, verificar a porcentagem do *zoom* em que a página será trabalhada e certificar-se da porcentagem do valor de paridade que o programa oferecerá.

	Orientação	Redação	Revisão	Total
SI1	35	2695	359	3089
SI2	56	2718	57	2831
SI3	12	1900	409	2321
SI4	82	3500	682	4264
SI5	215	2099	996	3310

Tabela 4: Tempo absoluto em segundos das 3 fases do processo tradutório no Trados.

	Orientação	Redação	Revisão	Total
SI1	1,20%	87,20%	11,60%	100%
SI2	2,00%	96%	2,00%	100%
SI3	0,5%	81,90%	17,60%	100%
SI4	1,90%	82,10%	16,00%	100%
SI5	6,50%	63,40%	30,10%	100%

Tabela 5: Tempo relativo das 3 fases do processo tradutório no Trados.

No que se refere aos dados quantitativos das fases de orientação dos sujeitos presentes nas tabelas acima, comentaremos a fase inicial individual dos tradutores. Os respectivos relatos retrospectivos e fragmentos das planilhas de detalhamento (*cf.* Anexo 13) das pausas e apoios servirão de base para a ilustração das características da fase inicial de cada um dos sujeitos.

Tempo	Duração	Tipo de pausa	Tipos de apoio	Observações
00:00:00 – 00:00:35	35”	POP		Fase inicial de orientação

Quadro 16: Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI1M.

SI1M dedica 1,2% do tempo total do processo para a fase de orientação (que corresponde a apenas 35 segundos) com uma pausa operacional para fazer ajustes referentes ao software *Trados*. Embora nos relatos retrospectivos o tradutor tenha dito que pesquisou um termo, não é possível, através do *Camtasia*, tampouco das planilhas de observação, verificar tal ação nessa fase específica do processo.

RELATO 11 (SI1M)

P: Você pesquisou algo específico quando fez a leitura de orientação?

SI1M: Pesquisei para verificar, porque eu não me lembrava que termo era aquele em inglês <incompreensível> checar a tradução.

A pausa operacional observada em SI1M também ocorre em SI2M, porém, ocorre de maneira diferenciada e intercalada com outro tipo de pausa, como observamos no quadro 17:

Tempo	Duração	Tipo de pausa	Tipos de apoio	Observações
00:0:00 –	56”	29” POP		
00:0:56		13” PO	AISO+LTO	
		7” POP		
		7” PO	AISO+LTO	

Quadro 17: Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI2M.

SI2M utiliza 2% do tempo total (56 segundos) mas também intercala essas pausas operacionais de ajustes no *Trados* com pausas de orientação e apoio interno simples de orientação com leitura do texto original. Percebemos, através dessas pausas, que o tradutor procurou adaptar o *Trados* à maneira usual de seu trabalho e também fazer uma leitura muito breve do texto que iria traduzir. Assim que abriu o primeiro segmento, abriu também o *Translator’s Workbench* e em seguida alterou o idioma para “português/Brasil” e o *zoom* para 120%. Nos relatos retrospectivos, a justificativa para não fazer nenhuma busca externa na fase de orientação é a de que o tradutor utiliza ferramentas como sites da internet para pesquisar o que precisa em tempo real. Não é necessária uma preparação inicial para que ele traduza o texto, pois além de conhecer o tipo de texto, o tradutor também confia na ativação instantânea de sua subcompetência instrumental para solucionar problemas.

RELATO 12 (SI2M)

P1: Você pesquisou algo específico quando fez a leitura de orientação?

SI2M: Tirando palavras específicas, o texto em geral é do meu conhecimento, o assunto de que <incompreensível> é do meu conhecimento. Exceto umas palavras ou outras, como <i>bristle</i>, que eu não tinha certeza do que era, eu sabia o que era,

mas não podia falar <i>pêlo da escova </i>, é, não me ocorreu na hora do que se tratava, então tem que pegar um dicionário para saber exatamente o que se trata, mas em média geral não é difícil de descobrir do que se trata, não é texto que eu traduzo habitualmente mas é texto fácil de ser traduzido.

PI: *Mas aí pesquisar antes de traduzir você não pesquisou nada?*

SI2M: *Não, porque eu se eu precisar, <int=interromp>. (...) Toda a minha pesquisa que eu preciso está aqui no answer.com, por exemplo <int=interromp>*

PI: *É, no caso durante a tradução né?*

SI2: *É. <pausa> Mas eu não pesquiso porque normalmente eu não pego assunto que não seja da minha área, que eu conheça razoavelmente bem, e nesse caso eu não preciso ficar fazendo pesquisa anterior.*
SI2: *No caso eu tenho que dizer, não gosto da régua. Não gosto da régua porque ela toma espaço. Também não gosto que apareça os caracteres de espaço. <pausa> Eu não gosto da, eu acho um saco isso funcionar, funcionar assim desse jeito. Fica <int=interromp> Me irrita ficar vendo <int=interromp> e tem um outro detalhe, depois dos quarenta e poucos anos a gente tem a presbiopia, então a gente não enxerga direito a <int=interromp> de perto.*

Os dois tipos de pausas recorrentes no processo de SI2M também ocorrem na fase de orientação de SI3M, mas com o número de ocorrências reduzido:

Tempo	Duração	Tipo de pausa	Tipos de apoio	Observações
00:00:00 –	5”	POP		Fase inicial de orientação
00:00:12	7”	PO	AISO+LTO	Já estava com o segmento aberto.

Quadro 18: Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI3M.

SI3M também dedica um tempo muito curto à primeira etapa do processo. São apenas 12 segundos que correspondem apenas a 0,5% do tempo total. Nesse caso, temos algo semelhante ao sujeito 2, já que em uma parte desse tempo são feitos ajustes e modificações no programa, e em outra, temos a utilização de apoio interno simples de orientação. Cabe ressaltar que o primeiro segmento do texto já estava aberto com paridade nula, o que indica que essa pausa inicial de orientação referia-se apenas ao primeiro segmento.

RELATO 13 (SI3M)

P: *Você pesquisou algo específico quando fez a leitura de orientação?*

SI3M: *Não. Só aquela hora, a <i>cabeça</i> para ver se era o termo correto ou não. Achei <int=interromp> depois pelo texto eu vi que tinha tradução melhor. E tirar a*

dúvida do <i>bristle</i> que eu fui lá no tradutor do Google verificar, se era isto mesmo ou não.

A fase inicial de SI3M tem 1 pausa operacional e 1 pausa de orientação. Essa mesma seqüência é observada na orientação de SI4M, como observamos no quadro 19:

Tempo	Duração	Tipo de pausa	Tipos de apoio	Observações
00:00:00 – 00:01:22	1'22"	1'17" POP		Fase inicial de orientação
		5" PO	AISO+LTO	

Quadro 19: Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI4M.

Com um tempo relativo semelhante ao do sujeito 2, SI4M igualmente dedica 1,9% do tempo total à primeira fase, porém, em termos de tempo absoluto, esse valor corresponde a 1 minuto e 22 segundos. Desse tempo da fase inicial, 1 minuto e 17 segundos foram utilizados com pausa operacional e apenas os 5 segundo finais para pausa de orientação com apoio interno simples. Mais uma vez, os dados mostrados através do *Camtasia* e nas planilhas de observação se desviam das informações constantes nos relatos retrospectivos, já que é bem claro que o tradutor não faz nenhuma busca na fase inicial de orientação. Provavelmente o tradutor considerou a fase inicial de orientação como sendo o começo da tarefa de tradução.

RELATO 14 (SI4M)

P: *Você pesquisou algo específico quando fez a leitura de orientação?*

SI4M: *Foi das partes da escova elétrica, eu pesquisei mais ou menos, mas não achei nada <para-riso> muito claro para mim, não. Mas, eu pesquisei mais isso mesmo. Eu até tentei achar alguma imagem, eu acho, não lembro, se foi dessa vez ou se foi da outra. Bom, foi mais isso mesmo. Das peças, das partes da escova.*

O valor da fase de orientação referente a 1,9% do tempo total é um valor significativo, contudo, SI5M apresenta uma porcentagem ainda maior para a fase inicial. Além disso, ainda intercala mais vezes os dois tipos de pausa:

Tempo	Duração	Tipo de pausa	Tipos de apoio	Observações
00:00:00 – 00:03:37	3'37"	1'10" PO	AISO+LTO	Fase inicial de orientação
		35" POP		
		40" PO	AISO+LTO	
		1'10" POP		
		2" PO	AISO+LTO	

Quadro 20: Trecho da planilha detalhada referente à fase de orientação de SI5M

Diferentemente dos outros, SI5M dedica 3 minutos e 37 segundos para a fase de orientação, o que corresponde a 6,5% do tempo total. Esse é o maior número entre os sujeitos participantes da pesquisa, intercalando também pausas operacionais de ajustes no *Trados* com pausas de orientação de apoio interno simples e leitura do texto original. Ele observa rapidamente o texto que iria traduzir, ajusta os recursos do *Trados* e modifica o *Match Value* para 60% e ainda consulta o texto impresso antes de começar a traduzir. Os relatos mostram que o tradutor tem consciência desses mecanismos presentes em sua orientação:

RELATO 15 (SI5M)

P: *Você pesquisou algo específico quando fez a leitura de orientação?*

SI5M: *Não, no mesmo esquema de sempre, eu começo a tradução aí eu tenho uma observação mais detalhada do texto e as dificuldades vão sendo resolvidas ao longo do texto e depois na revisão eu fecho tudo.*

RELATO 16 (SI5M)

SI5M: *Bom, aí eu estava arrumando ainda a área de trabalho, né, e <pausa> passei para outra visualização, ela é melhor de digitar, na hora de trabalhar só o texto, geralmente eu trabalho com a área dividida mesmo, o Trados no canto superior e o Word embaixo, aí eliminei as barras que estavam sobrando por aqui para abrir mais o espaço de trabalho <pausa>, aí eu estava eliminando as barras que estavam excedentes <pausa> eu estava descobrindo qual era a versão do Trados <pausa> Aqui, o que acontece? Essa é uma configuração que eu uso por padrão, copiar a origem quando dá no match, quando não tem memória né, então eu coloquei essa configuração porque isso facilita muito no uso de nome de produto. Texto técnico tem*

muita coisa que é repetida do texto original, aí eu prefiro trabalhar sobre o texto em inglês do que ter que redigitar. Então, aí eu alterei essa configuração, e aí eu começo propriamente a tradução, aí vai a tradução direto <pausa>.

Além de dedicar um tempo maior à orientação, SI5M também apresentou várias pausas de orientação com AISO+LTO e POs. Nenhum dos tradutores utilizou apenas pausas de orientação. Isso indica que o necessário era, sobretudo, fazer os ajustes no *software* e adequar a ferramenta ao modo de trabalho com que estão acostumados usualmente.

4.2.2 Processos de Orientação em Tempo Real em Ambiente *Trados*

Além da orientação inicial, consideramos tanto a utilização de apoio interno e apoio externo quanto a combinação de ambos. Cabe lembrar que, diferentemente da tradução em ambiente cognitivo e natural, o próprio Sistema de memória de tradução já se configura como um tipo de apoio externo constante. Abaixo estão os quadros dos tipos de apoio e pausas que ocorreram nesse ambiente:

TIPO DE APOIO	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
AISO		35		35
AESO		3		3
AIDO		8		8
AIDO+LTO		1		1

Quadro 21: Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SIIM.

TIPO DE PAUSA	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
PO		33		33
POP+PO		14		14
POP	1			1

Quadro 22: Tipos de pausas utilizadas por SIIM.

SI1M em ambiente *Trados* faz 33 pausas de orientação, 14 de pausas operacionais juntamente com pausas de orientação e 1 pausa operacional. O tradutor utiliza apoio interno e externo de orientação *online* apenas na segunda fase, a de redação. As fases de orientação e revisão são realizadas em períodos muito curtos de tempo, então o tradutor utiliza muito apoio interno simples para tomar decisões. Por 35 vezes ele vale-se de AISO e por 3, de AESO. Sabemos que o apoio externo simples pode tanto se referir às opções oferecidas pelo *Trados* como fontes de pesquisa na internet, dicionários, etc.

Aos 00:24:55, ocorre uma pausa de 1 minuto e 40 segundos em que é feita uma pesquisa no *Google* do termo “cabeça de escova”. Foram 6 pausas de AIDO, sendo que uma delas acontece aos 00:29:57, com a duração de 40 segundos e nela ocorre a pesquisa do termo “hygienist” através do *Eurodicautom*. Essa pausa foi assim classificada porque embora o tradutor tenha feito uma busca externa, essa busca foi desconsiderada, e o apoio interno teve maior influência no momento da tomada de decisão. As demais pausas de orientação em que o apoio interno era dominante são assim classificadas ou porque o tradutor aceita um segmento completo da memória ou porque modifica um ou mais termos oferecidos. Quando ocorre o aceite total, o apoio externo se configura enquanto condição preexistente, mas apenas após reflexão e julgamento o tradutor aceita o segmento. Quando ocorre modificação, significa que o tradutor não dá o aceite total para o apoio externo SMT fazendo as alterações necessárias para chegar à tradução que considera mais adequada.

Ocorreu ainda uma pausa de AIDO+LTO, em que certamente o tradutor sentiu a necessidade de visualizar o texto como um todo na língua fonte antes de prosseguir a tarefa.

Um grande número de AISO ocorreu no processo do SI1M, já com relação a SI2M, temos os quadros 23 e 24 a seguir:

TIPO DE APOIO	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
AISO		16		16
AESO DUPLO		1		1
AESO		7		7
AIDO		4		4
AEDO		1		1
AISO+LTO	2			2

Quadro 23: Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI2M.

TIPO DE PAUSA	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
PO	2	20		22
POP+PO		9		9
POP	2	11		12
PET		1		1

Quadro 24: Tipos de pausas utilizadas por SI2M.

Todas as 16 ocorrências de AISO de SI2M se deram na fase de redação. No total, foram 22 pausas de orientação (20 delas na fase de redação), sendo que uma delas merece detalhamento. O intervalo de 2 minutos e 35 segundos que acontece aos 00:8:44 é dedicado exclusivamente à leitura de todos os seguimentos traduzidos até então pois o tradutor teve problemas com o SMT. Ele teve de reiniciar todo o processo, mas como já havia traduzido vários segmentos, apenas fez uma leitura rápida que é caracterizada como uma leitura de orientação, e não de revisão, já que não é feita nenhuma modificação e já que não foi decisão do tradutor reler esses segmentos. 2 pausas iniciais de AISO+LTO ocorreram na fase inicial do processo.

Ocorreram também 4 pausas de AIDO durante a fase de redação desse tradutor ou porque ele aceitou um segmento da memória ou apenas porque acrescentou um termo na oferta já condicionada pelo apoio externo SMT. Ainda na fase de redação, foram detectadas 7 as pausas de AESO para fazer buscas na internet (o tradutor utiliza muito o site do *Dicionário Webster's*).

Ocorreu também o uso de apoio externo dominante (AEDO) em uma pausa longe de 3 minutos e 30 segundos aos 00:32:08, já que o sujeito abre o *Translator's Workbench* e o

concordanciador para analisar todos os segmentos que contém o termo *brushhead*. Em seguida pesquisa o termo “brush” no *Dicionário Webster’s* e vai para o *Alternative Downloads Locations* e para o *www.answers.com* para pesquisar “brushhead” e “brush head”. Neste momento também aciona o recurso *InfoRapid Search and Replace*.

Uma grande ocorrência de POP está presente no processo desse tradutor, totalizando 12 ocorrências. Isso se justifica pelo fato de que o tradutor fez ajustes no SMT ou teve que esperar para que os segmentos abrissem e fechassem para continuar a tarefa. Como ocorreram problemas na memória, o software estava um pouco lento, então certamente essas pausas foram devido a esse problema. Porém, percebemos também, que quando o tradutor corrige caracteres desconfigurados de termos do SMT (ele aceita os segmentos, porém efetua correções ortográficas), isso também se caracteriza como uma pausa operacional, pois se tudo estivesse correto, seriam aceitos sem maiores problemas. Ocorreu também uma PET quando o sujeito estava ao telefone e se desviou da tarefa.

As POP+PO ocorrem por vários motivos. Um deles é a necessidade de fazer ajustes ou a espera até que o software abra ou feche os segmentos. Das 9 ocorrências, 5 foram pausas operacionais juntamente com apoio interno simples de orientação. Outras 2 pausas também foram de apoio interno simples de orientação, porém, não decorrentes de leitura do texto na língua fonte, mas devido a problemas da memória (aos 00:37:02 e 00:8:44). Devido a isto, o tradutor teve que interromper o processo e rever todos os segmentos já traduzidos.

Aos 00:19:57, ocorreu também uma pausa operacional com pausa de orientação e apoio externo simples em que o tradutor pesquisou no *Dicionário Webster’s* o termo “guide”. Uma outra pausa desse tipo resultou na utilização de apoio externo simples duplo de orientação, em que o tradutor seleciona o termo “family” e abre o concordanciador. Após analisar esse termo, o tradutor selecionou “it has been designed” e realizou uma nova busca. Por fazer duas buscas de

termos diferenciados em apenas um intervalo de pausa, classificamos essa pausa de orientação AESO DUPLO (é diferente do apoio externo dominante - duas ou mais buscas são feitas para apenas um termo e resultam em apenas uma tomada de decisão).

O número de AESO é praticamente 50% inferior em relação à quantidade de AISO no processo de SI2M. No que se refere ao processo de SI3M, temos:

TIPO DE APOIO	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
AISO		11		11
AESO		2		2
AIDO		3		3
AISO+LTO	1			1

Quadro 25: Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI3M.

TIPO DE PAUSA	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
PO	1	14		15
POP+PO		2		2
POP	1	20		21

Quadro 26: Tipos de pausas utilizadas por SI3M.

Com relação a SI3M (quadros 25 e 26 acima), temos uma pausa de AISO+LTO na fase inicial do processo. Com relação às pausas de apoio interno simples, ocorreram 11 na fase de redação. Aos 00:11:55 temos um exemplo interessante de uma pausa de orientação com a duração de 5 segundos. Esta não foi acompanhada de espaçamento anterior, ou seja, é diferentemente do padrão proposto por Jakobsen que diz que pausas de orientação geralmente são as pausas que ocorrem após espaçamento ou pontuação. Estas pausas são consideradas pausas de orientação porque, posteriormente a elas, ocorre produção textual, indicando que o tradutor estava se orientando.

Aos 00:22:38 e aos 00:26:52 ocorrem 2 pausas (de 35 segundos e de 1 minuto e 50 segundos sucessivamente) de AESO. Na primeira, o tradutor pesquisa os termos “cabeça da escova de dentes” no *Google*. Na segunda, o tradutor abre o site do *Google* e seleciona a opção “ferramentas de idioma” e pesquisa pelo termo “bristles”.

Ocorreram também 3 pausas de AIDO, 2 delas por ele aceitar totalmente um segmento e a outra por modificar um termo ofertado pela memória.

As POPs também são muito recorrentes no processo do sujeito 3, tanto exclusivas quanto acompanhadas de pausas de orientação. Foram 21 as ocorrências de pausas operacionais (1 na fase de orientação e 20 na fase de redação), todas devido aos caracteres desconfigurados da memória que passaram por revisões ortográficas para que fosse aceita a oferta do segmento. Isso indica que o tradutor aceitou um grande número de segmentos da memória, provavelmente por ter confiado nas opções oferecidas. 2 POP+PO ocorreram durante a segunda fase do processo, sendo ambas de apoio interno simples.

Assim como SI3M, SI4M também apresentou um número bem inferior de AESO em durante seu processo de tradução:

TIPO DE APOIO	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
AISO		24		24
AESO		4		4
AIDO		17		17
AEDO		2		2
AISO+LTO	1			1

Quadro 27: Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI4M.

TIPO DE PAUSA	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
PO	1	20		21
POP+PO		27		27
POP	1	12		13

Quadro 28: Tipos de pausas utilizadas por SI4M.

SI4M utiliza AISO+LTO na primeira fase do processo. O tradutor emprega 24 vezes AISO durante a fase de redação. Durante as 4 ocorrências de AESO, o tradutor procura no *Google* os termos “Escova de dentes 3D” (aos 00:0:39), “Escova remover placa” (aos 00:3:35) e “Electrical outlet elétrica” (aos 00:13:06). Neste momento, ocorreu a única pausa de orientação do tradutor para pesquisar no dicionário impresso inglês-português *Michaellis* (aos 00:37:38, com a duração de 40 segundos).

Houve 2 pausas de AEDO. Em uma delas, aos 00:14:02, o sujeito pesquisa no *Google* os termos “escova dental elétrica”, “escova dental elétrica unidade” e “escova dental elétrica cabo”. Na segunda pausa, que foi mais longa que a primeira (durou 2 minutos e 15 segundos), ele selecionou o comando “localizar” do *Word* e procurou por “charging unit” e “unit” e assim que a primeira ocorrência no texto foi localizada, ele abriu o segmento em que a palavra se encontrava. Em seguida, pesquisou no *Google* “escova dental “unidade de carga””, “escova dental “base de carregamento”” e visitou o site *Kid’s power toothbrush*. Denominamos essa pausa como pausa de apoio externo dominante porque o tradutor, embora se utilize de apoio interno através da pesquisa do termo que já havia traduzido, faz ainda duas buscas na internet para solucionar o problema de tradução.

Percebemos que esse sujeito também utiliza muito a memória, no sentido de aceitar vários segmentos ou apenas fazer trocas de termos oferecidos, já que existe um número considerável de pausas de apoio interno dominante de orientação que totalizam 17 ocorrências. Com relação às POs, 12 delas foram devido às configurações nos caracteres das palavras oferecidas e como já foi comentado, 1 na fase inicial de orientação. 27 pausas operacionais com pausa de orientação também ocorreram na fase de redação, a maioria delas devido ao tempo que o computador gasta para rodar o software ao abrir e fechar segmentos.

Diferentemente da tradução de SI4M e dos outros sujeitos em ambiente *Trados*, SI5M teve um número mais elevado de AIDO, como observamos no quadro 29:

TIPO DE APOIO	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
AISO		8		8
AESO		1		1
AIDO		38		38
AEDO		2		2
AISO+LTO	3			3

Quadro 29: Tipos de apoio e número de ocorrências utilizados por SI5M.

TIPO DE PAUSA	ORIENTAÇÃO	REDAÇÃO	REVISÃO	TOTAL
PO	3	47		50
POP+PO		2		2
POP	2		2	4

Quadro 30: Tipos de pausas utilizadas por SI5M.

SI5M apresentou um número considerável de POs: 3 na fase de orientação e 47 na fase de redação, totalizando 50 ocorrências. Houve também 2 POP+PO, devido ao tempo gasto pelo programa para abrir ou fechar segmentos ou devido a ajustes no software realizados no momento da tradução. Pausas puramente operacionais (sem pausas de orientação anterior ou posteriormente) também ocorreram durante o processo, 2 na fase inicial e 2 na fase de revisão.

Com relação aos tipos de apoio utilizados nessas pausas, em termos quantitativos, temos a maior ocorrência de AIDO. Esse tipo de apoio foi muito utilizado (foram 38 ocorrências) pois o sujeito também aceitou vários segmentos da memória, fazendo apenas pequenas modificações como: apagar termos desnecessários, incluir novos termos e fazer modificações ou trocas em termos oferecidos pela memória. Mais uma vez, esse tipo de comportamento indica que o tradutor possa ter confiado mais no que lhe foi oferecido pela memória, já que por várias vezes

optou por aceitar os segmentos ou, ao invés disso, fazer pequenas modificações nas unidades de tradução da memória.

O AISO+LTO foi utilizado por 3 vezes na fase inicial. Já o AISO ocorreu 8 vezes na segunda fase do processo. Houve apenas 1 pausa em que o tradutor utilizou o próprio SMT como fonte única de apoio externo para solucionar um problema de tradução: aos 00:33:57, em uma pausa de 10 segundos, o tradutor explicitamente abre o *concordance* (janela opcional que fica acima da bancada de trabalho do tradutor) e procura os termos “service centre” para auxiliá-lo. É interessante notar que, em seguida, aos 00:34:17 temos uma pausa de revisão, em que o tradutor após a pausa de apoio interno que inicialmente caracteriza-se como busca de orientação, passou a ter como resultado a revisão e correção de um termo já traduzido anteriormente.

Aos 00:10:35, temos uma pausa de 1 minuto e 5 segundos indicando apoio externo dominante, pois além de interromper o processo para refletir, o tradutor também utilizou dois tipos de apoio externo, um deles foi o próprio SMT e o outro foi a janela do *concordance*. A outra pausa de apoio externo dominante de orientação ocorreu aos 00:28:17 com a duração de 1 minuto e 15 segundos, pois o tradutor fez duas buscas do mesmo termo (*stutter*) no *translator’s workbench* e no dicionário impresso bilíngüe:

RELATO 17 (SI5M)

SI5M: Uma outra coisa que eu fiz no final também <int=interromp> isso é texto normal, pequenas alterações foram sendo feitas ao longo do texto. Só parei para pesquisar um termo que <int=interromp> esse aí mesmo. Que foi <i>stutter</i>, coisa de gaguejar, eu estava querendo ver um termo bom para utilizar como um sinal e coloquei <i>intermitente</i>, e resolveu a história do <i>stutter</i> <pausa>

Visto que houve um acréscimo no número de pausas com AIDO no processo de SI5M, temos que esse sujeito apresenta um perfil diferenciado em relação aos outros tradutores. Podemos observar esse diferencial em comparação com os outros sujeitos na tabela 6 a seguir de consolidação da utilização de apoio interno, externo e suas variações.

	AISO +LTO	AISO	AIDO	AIDO +LTO	AESO	AESO DUPLO	AESO +LTO	AEDO	AISO +AISR
S1M		35	8	1	3				
S2M	2	16	4		7	1		1	
S3M	1	11	3		2				
S4M	1	24	17		4			2	
S5M	3	8	38		1			2	

Tabela 6: Consolidação do uso de apoio interno, externo e variações em ambiente Translog.

O número de ocorrências de AISO e AIDO se destaca em relação aos outros tipos de apoio, principalmente os de apoio externo simples ou dominantes. Isto indica que, na maioria das pausas, mesmo com o auxílio do SMT ou com qualquer outra fonte de como apoio externo, utilizaram o apoio interno para corroborar suas escolhas. Retomaremos essas e outras particularidades no próximo capítulo de discussão dos resultados.

Capítulo 5: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, através da correlação dos dados apresentados no Capítulo 4, apresentaremos os resultados da pesquisa. Pretendemos, ao realizar essa comparação da orientação inicial e de processos de orientação *online* nos dois ambientes de tradução, mostrar a importância que este trabalho tem para futuras pesquisas realizadas pelo projeto SEGTRAD e para o campo dos Estudos da Tradução.

5.1 Fase Inicial de Orientação

Durante a produção em ambiente natural através do *Translog*, o sujeito 5 e o sujeito 3 foram os que mais dedicaram tempo à fase inicial de orientação em relação às outras duas etapas. Ambos apresentaram o mesmo valor de tempo relativo, correspondente a 0,9%.

Na fase inicial de todos os sujeitos ocorreu uma pausa de orientação que culminou em apoio interno simples e leitura do texto original. Decidimos classificar essas pausas como AISO+LTO porque, inevitavelmente, já que não houve nenhuma busca externa, o tradutor se valeu de apoio interno para planejar como iniciar a tradução e também teve que fazer a leitura do texto original para poder traduzir. Há tradutores que fazem uma leitura do texto mais longa e que apresentam um tempo de planejamento e orientação maior que os sujeitos desta pesquisa, porém, esse não foi o caso. Pelo tempo utilizado, deduzimos que, quando muito, aconteceu a leitura do primeiro ou dos primeiros segmentos, e este comando foi classificado como leitura do texto original (LTO). É importante ressaltar que as outras pausas no decorrer das fases de redação e revisão que contém LTO se referem aos momentos de leitura do texto impresso ou em tela, os

quais foram possíveis de se identificar através das planilhas de observação ou dos sinais da barra de rolagem presentes na representação linear do *Translog*.

Já no que se refere à pausa inicial em ambiente *Trados*, as porcentagens de tempo relativo não se diferenciaram tanto das percebidas em ambiente *Translog*, contrário ao que havíamos deduzido. Mesmo apresentando um número um pouco mais elevado que no *Translog*, a fase de orientação no *Trados* praticamente inexistente. Na verdade, não é que ela deixe de existir, mas preexiste com um caráter diferenciado, que pode abranger, entre outras coisas, o nível de experiência do tradutor e sua familiaridade com o SMT.

Ainda temos que considerar que a definição da fase de orientação, bem como a definição das fases de redação e revisão, foi desenvolvida exclusivamente para a análise do processo tradutório em ambiente cognitivo *Translog*. De acordo com Jakobsen (2002), a orientação não acaba quando se inicia a fase de redação; a orientação em tempo real também existe, e devido a essa razão, os dados do SEGTRAD e do Grupo PACTE apontam para a provável sobreposição de uma fase na outra. Assim como existem processos de revisão em tempo real, processos de orientação também ocorrem em outras fases do processo, visto que o tradutor continua a se orientar durante a tradução através da utilização do apoio interno, externo e de suas subcompetências tradutórias.

Nesse ambiente, ocorreram cinco tipos de seqüências diferenciadas na etapa de orientação, cada uma delas no processo de cada um dos sujeitos. Como já foi descrito anteriormente, a natureza das pausas iniciais dos sujeitos nesse ambiente específico varia do ambiente natural, bem como também variam entre si. Pausas de orientação nessa fase indicam planejamento do que será traduzido, seguidas inevitavelmente de leitura do texto original. Isso ocorre pela própria necessidade característica de arquitetar ou idealizar como o texto será traduzido, ou, devido ao curto tempo, ao menos o primeiro ou primeiros segmentos. O que

constatamos através das ações dos sujeitos é que nenhum deles destinou esse tempo exclusivamente para pausa de orientação (e conseqüentemente para apoio interno simples com leitura de orientação). Já por sua vez, as pausas operacionais que ocorrem com a utilização do sistema de memória de tradução sugerem que o tradutor esteja realizando determinados comandos que têm a ver especificamente com ajustes no *software* do *Trados*. Essas ações são perfeitamente perceptíveis através das visualizações do *Camtasia*. Como já apontamos, essas ações nada têm a ver com processos cognitivos de orientação ou revisão, o que torna esse tempo gasto com pausas operacionais praticamente indiferente para fins de análise.

Obviamente, esses comandos não acontecem por acaso. Como exemplo, quando o tradutor escolhe quais serão as caixas de ferramentas que estarão presentes na parte superior da bancada de trabalho faz uma escolha que otimizará a produção textual e conseqüentemente o auxiliará durante o processo de tradução. Outros comandos referentes à mudança do *match value* do *Trados* e à mudança de idioma também estão relacionados à configurações indispensáveis ao tradutor para que tudo fique o mais semelhante possível com seu ambiente de trabalho usual.

O sujeito 1 apresentou somente 1 pausa operacional (POP), pois preocupou-se apenas em deixar sua área de trabalho adequada à maneira de conduzir a tarefa. O sujeito 2 teve um comportamento diferente do sujeito 1, pois intercalou momentos de organização visual e ajustes no *Trados* com momentos de pausas de orientação (PO) de apoio interno simples de orientação e leitura do texto original (AISO+LTO). O sujeito 3 e o sujeito 4 apresentaram comportamentos semelhantes pois realizaram os dois tipos de pausas, tanto operacionais quanto de orientação. Esses sujeitos primeiramente organizaram sua área de trabalho e fizeram ajustes e configurações referentes ao sistema de memória de tradução (POP), e, em seguida tiveram o momento de planejamento e leitura do texto original (PO). Cabe ressaltar que o tempo da primeira pausa operacional do sujeito 4 foi bem maior que a do sujeito 3, com a duração de 1 minuto e 17

segundos. O sujeito 5, aquele que mais tempo dedicou à fase inicial, foi também o que apresentou uma seqüência maior de ações. Ele intercalou pausas de orientação (PO) para planejamento e leitura do texto original (AISO+LTO) com pausas operacionais (POP) para fazer adaptações dos comandos do *Trados*. As sistematizações dessas ações aqui descritas encontram-se no quadro 31:

SI1M	POP
SI2M	POP+PO+POP+PO
SI3M	POP+PO
SI4M	POP+PO
SI5M	PO+POP+PO+POP+PO

Quadro 31: Tipos de pausa na fase inicial de orientação em ambiente Trados.

Com relação à variação da porcentagem de tempo de duração da fase inicial nos 5 sujeitos da pesquisa com a inserção do SMT, pudemos perceber que houve um acréscimo considerável da porcentagem de tempo relativo na maioria dos sujeitos (ver tabela 7). O sujeito 1 apresentou um aumento de 500%. O sujeito 2 aumentou o tempo em 233%. O sujeito 3 foi o único em que ocorreu uma redução de 44,5%. O sujeito 4 teve um acréscimo correspondente a 280% do tempo. Por sua vez, o sujeito 5, que teve seu tempo maior em ambiente *Translog*, manteve essa característica também ao trabalhar com o sistema de memória de tradução, e sua variação foi a maior entre os sujeitos, com o aumento de 622% do tempo.

	Orientação <i>Translog</i>	Orientação <i>Trados</i>	Variação percentual
SI1	0,20%	1,20%	+500%
SI2	0,60%	2,00%	+233%
SI3	0,90%	0,50%	-44,5%
SI4	0,50%	1,90%	+280%
SI5	0,90%	6,50%	+622%

Tabela 7: Variação percentual de tempo da fase de orientação com a inserção do SMT.

Em ambos ambientes alguns tradutores afirmam ter pesquisado determinados termos durante essa fase, porém, através das planilhas de observação, não é possível confirmar tais ações. Pode ser que, por não demonstrarem uma metalinguagem assertiva e específica da área, os sujeitos tenham feito algum tipo de confusão entre fase inicial de tradução e início da tradução. A fase inicial a que nos referimos nesse trabalho, e conseqüentemente a que nos referimos nas perguntas dos relatos retrospectivos, é a que se dá antes de qualquer tecla de produção textual. Não nos referíamos ao momento inicial (ou aos minutos iniciais) da tarefa. Talvez essa pergunta (“Você pesquisou algo específico quando fez a leitura de orientação?”) deva ser modificada nos próximos experimentos.

5.2 Tipos de Pausa Utilizados

A seguir consideraremos os tipos de pausa mais empregados nos processos de tradução dos 5 sujeitos participantes da pesquisa, levando em consideração apenas POs, as POPs e as PETs. Como já mencionado, as pausas de revisão serão discutidas por Gotelipe em sua dissertação de mestrado. A figura que sistematiza os tipos de pausas utilizadas pelos sujeitos nas duas traduções é a seguinte:

	ORIENTAÇÃO		REDAÇÃO		REVISÃO	
	TRANSLOG	TRADOS	TRANSLOG	TRADOS	TRANSLOG	TRADOS
S1	1 PO	1 POP	29 PO	33 PO	01 PO	
				14 POP+PO		
S2	1 PO	2 PO 2 POP	38 PO	20 PO 11 POP 9 POP+PO 1 PET		
			5 PET			
S3	1 PO	1 PO 1 POP	39 PO	14 PO 20 POP 2 POP+PO		
			1 PET			
S4	1 PO	1 PO 1 POP	38 PO	20 PO 12 POP 27 POP+PO		
S5	1 PO	3 PO 2 POP	34 PO	47 PO	01 PO	
				2 POP+PO		2 POP
					2 PO+PR	

Quadro 32: Tipos de pausas utilizadas pelos sujeitos em ambiente Trados e Translog.

S1 apresentou um número semelhante de pausas de orientação durante a fase de redação, foram 29 no *Translog* e 33 no *Trados*. Na fase de orientação, em ambiente *Translog* ocorreu 1 pausa de orientação, e em ambiente *Trados*, 1 pausa operacional. Com o auxílio do sistema de memória de tradução, ocorreram também 14 pausas operacionais juntamente com pausas de orientação, já que o tradutor além de se orientar e fazer o projeto do segmento que seria traduzido, também realizou ajustes no *software* ou teve que esperar alguns segundos para que o segmento oferecido aparecesse na tela. Esse tempo, como já comentamos, tem efeitos cognitivos insignificantes para a nossa análise, mas como ocorreram em conjunto com pausas de orientação, tivemos que designar então a categoria “POP+PO”. A única pausa de orientação ocorreu na revisão no *Translog*.

Durante o processo de tradução de S2, em ambiente *Translog* houve 1 pausa de orientação na fase inicial e 38 na fase de redação. Com relação às PETs, esse foi o sujeito que mais interrompeu o processo por diversos motivos (5 pausas no total), como conversas ao telefone, interação com o pesquisador ou com outras pessoas que se encontravam no recinto da coleta de dados. Já ao trabalhar com o sistema de memória de tradução, ocorreu apenas 1 PET. Na fase inicial houve 2 pausas de orientação intercaladas com 2 pausas operacionais, como já comentamos anteriormente. Na segunda fase do processo, houve um número mais baixo de pausas orientacionais, apenas 20 ocorrências. Poucas pausas orientacionais com pausas operacionais ocorreram, foram somente 9 ocorrências.

S3 apresentou 1 PO na fase de orientação e 39 na fase de redação, além de uma única PET. Na produção com o auxílio computacional, o sujeito 3 teve duas pausas na fase inicial da tradução, uma PO e POP. Ao ser comparado com os outros sujeitos, este apresentou um número um pouco mais baixo de PO, totalizando 14 casos. Em compensação, temos um indicador elevado de POPs, as quais ocorreram por 20 vezes durante a fase de redação. Poucas pausas operacionais ocorreram juntamente com pausas de orientação, resultando em apenas 2 ocorrências nessa segunda fase.

Durante a fase de orientação de S4 em ambiente *Translog* houve apenas uma pausa de orientação. Já em ambiente *Trados*, assim como o sujeito 3, este tradutor apresentou uma POP e uma PO. Na fase de produção textual, ele teve 38 pausas de orientação, sendo que este foi o mesmo número constatado na segunda fase pelo sujeito 3 e praticamente o mesmo também pelo sujeito 2 (foram 39 as pausas de orientação de S2 e 38 as de S3). Ao trabalhar com o *Trados*, houve uma diminuição de quase 50% do número de PO, já que ocorreram 20 pausas desse tipo. Por outro lado, temos um número significativo de POP+PO, com o total de 27 casos. Apenas 12 pausas operacionais aconteceram nessa fase.

Em relação a S5, em termos de qualidade de pausa na primeira fase, seu comportamento foi igual aos outros sujeitos no *Translog* já que teve apenas 1 PO. Quanto a essa mesma fase no *Trados*, podemos afirmar que foi bem diferenciada, uma vez que ocorreram 3 PO e 2 POP intercaladas. Na segunda fase do processo, ocorreram 34 pausas operacionais na produção cognitiva e 47 em ambiente computacional. Este número é bem mais elevado, e, além disso, mais 2 POP+PO aconteceram nessa fase. Este é o número mais alto de pausas de orientação entre qualquer um dos sujeitos em qualquer um dos ambientes, indicando que houve muito planejamento e reflexão acerca das unidades de tradução que seriam traduzidas. O sujeito 5 também apresenta algo curioso que, embora aconteça na última fase específica do processo de tradução (o qual será tratado por Gotelipe), nos permite diferenciar esse sujeito dos demais. Com o *Trados*, foram constatadas 2 pausas operacionais, e, embora o tradutor estivesse em seu processo de revisão, ainda despendeu um pouco do seu tempo com os comandos do *Trados*. Em relação ao *Translog*, ocorreu 1 pausa de orientação e 2 pausas de orientação juntamente com pausa de revisão, pois a seqüência após essa interrupção nos mostra que o tradutor, além de revisar o segmento, estava também pensando sobre um termo que não havia sido traduzido.

5.3 Tipos de Apoio Utilizados

Iniciaremos a análise através da comparação do número de ocorrências dos apoios (interno, externo e suas variações) de cada um dos sujeitos em ambos os ambientes de produção. O quadro demonstrativo encontra-se a seguir:

ORIENTAÇÃO		REDAÇÃO		REVISÃO	
TRANSLOG	TRADOS	TRANSLOG	TRADOS	TRANSLOG	TRADOS
S1		16 AISO 8 AESO 1AEDO 2 AESO+LTO 2 AISO+LTO	35 AISO 3 AESO		1 AISO+LTO
	1 AISO+LTO		8 AIDO 1 AIDO+LTO		
S2		24 AISO 1 AESO 1AESO DUPLO 8 AISO+LTO 2 AESO+LTO 2 AEDO	16 AISO 7 AESO 1 AESO DUPLO		
	1 AISO+LTO	2 AISO+LTO	1 AEDO 4 AIDO		
S3		24 AISO 3 AESO 1 AESO DUPLO 1 AEDO 8 AISO+LTO 2 AESO+LTO	11 AISO 2 AESO		
	1 AISO+LTO	1 AISO+LTO	3 AIDO		
S4		35 AISO 1 AESO 2 AISO+LTO	24 AISO 4 AESO		
	1 AISO+LTO	1 AISO+LTO	17 AIDO 2 AEDO		
S5		23 AISO 11 AISO+LTO	8 AISO	1 AISO	
	1 AISO+LTO	3 AISO+LTO	1 AESO 38 AIDO 2 AEDO		2 AISO+AISR

Quadro 33: Tipos de apoios utilizados pelos sujeitos em ambiente Trados e Translog.

Ao compararmos os apoios presentes nos dois ambientes, é importante notar que a própria natureza do ambiente computacional e do seu caráter instrumental faz com que a essa ferramenta seja o principal apoio externo, todavia, essa característica é válida quando ele tem familiaridade e sabe utilizá-la de fato e adequadamente. A partir disso, ressaltamos que o diferencial nesse ambiente é a subcompetência instrumental, definida anteriormente pelo Grupo PACTE como a subcompetência relacionada ao conhecimento procedimental, ao uso de fontes de documentação e tecnologias de comunicação.

O recurso do *concordanciador* existente na memória permite que o tradutor tenha uma visão do segmento em ambas as línguas, dessa forma, ele tem uma visão geral dos elementos do segmento, ao contrário do *Translog*, em que as sentenças que aparecem na tela se originam exclusivamente do tradutor, exceto quando existe o apoio externo. Para fins de ilustração, a seguir encontram-se os gráficos com os quatro tipos de apoio presentes nas cadeias de implicação cognitiva propostas pelo Grupo SEGTRAD.

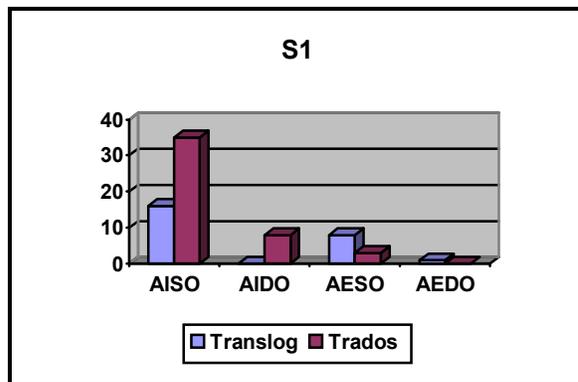


Gráfico 1: Tipos de apoio utilizados por S1.

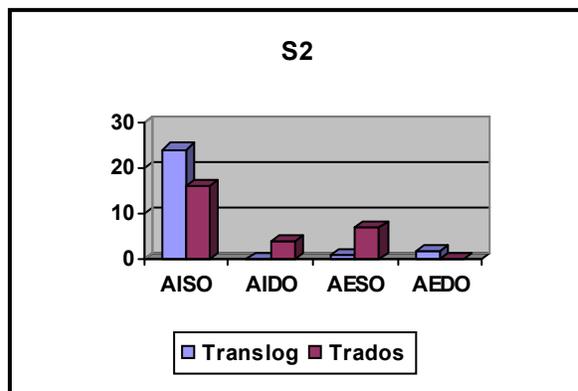


Gráfico 2: Tipos de apoio utilizados por S2.

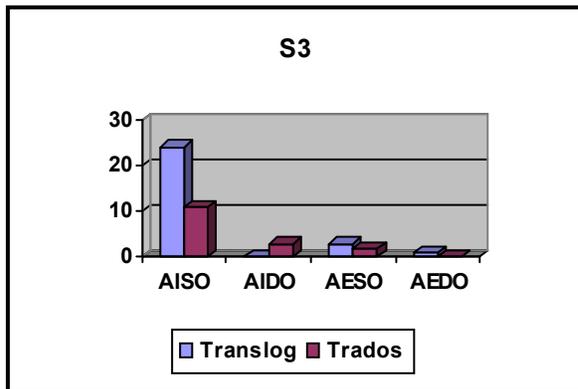


Gráfico 3: Tipos de apoio utilizados por S13.

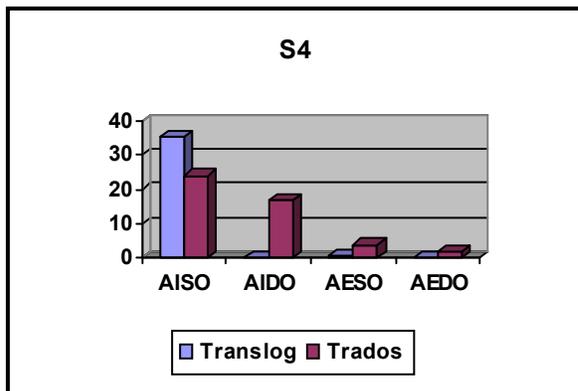


Gráfico 4: Tipos de apoio utilizados por S14.

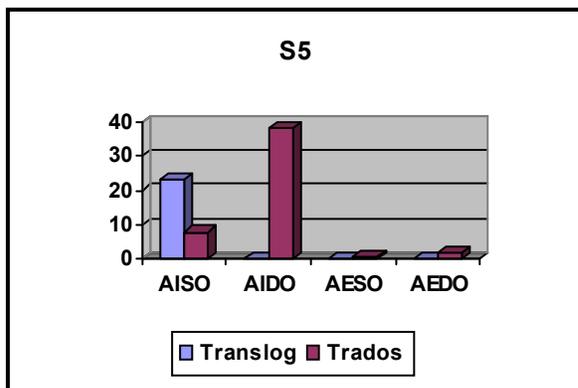


Gráfico 5: Tipos de apoio utilizados por S15.

S1 utilizou por mais vezes AISO durante a fase de redação nos dois ambientes de produção (16 no *Translog* e 35 no *Trados*) e também apresentou várias ocorrências de AESO (8

no *Translog* e 3 no *Trados*). Isso indica que, ao compararmos esses dois tipos de apoio, os de planejamento e utilização do próprio conhecimento subjetivo do tradutor tiveram maior destaque. Ao observarmos o número de AIDO temos que apenas no *Trados* houve 8 ocorrências. As pausas classificadas como pausas de AIDO pressupõem necessariamente a recorrência a alguma fonte externa de pesquisa, como internet, dicionários *online* e impressos, etc. As pausas anteriores a aceites ou acréscimos de termos aos segmentos oferecidos pelo sistema de memória de tradução também podem ser assim classificadas porque o apoio externo existiu, ainda que o tradutor tenha tomado a decisão final através de subsídio interno. Além disso, nesse mesmo ambiente temos ainda mais 1 pausa de AIDO+LTO, a qual se assemelha às pausas de apoio interno dominante, porém com o acréscimo da leitura do texto na língua fonte.

Ainda com relação ao sujeito 1, em ambiente *Translog* já foi dito que ocorreram 16 pausas de AISO - este é o maior número se comparado com os outros tipos de apoio. Contudo, se somarmos todas as pausas que incluem apoio externo (AESO, AEDO, AESO+LTO), no total, teremos 11 casos de buscas. Obviamente, esse número é inferior ao do número de apoios internos, porém não tanto.

S2, da mesma forma que S1, apresentou um número mais elevado de pausas de orientação com AISO (24 no *Translog* e 16 no *Trados*). Entretanto, se considerarmos todas as vezes que o tradutor fez buscas de apoio externo em ambiente *Trados* e somarmos as 7 pausas de AESO com a pausa de AESO DUPLO e a de AEDO, temos um total de 9 pausas nas quais houve auxílio externo. Além disso, ainda temos 4 casos de AIDO que implicam que o tradutor fez buscas de apoio externo, mesmo que desconsideradas. Portanto, no total, temos 13 pausas em que o tradutor se depara com uma ou mais fontes de apoio externo, um número não tão inferior se comparado com as 16 ocorrências de apoio interno. Cabe ressaltar que nesse ambiente, algumas das pausas de AIDO são assim classificadas porque ou o tradutor aceita um segmento da memória ou porque

apenas acrescenta um termo a oferta já condicionada pelo próprio SMT. Já em ambiente cognitivo natural, bem como com o uso do SMT, ocorreu também 1 pausa de AESO DUPLO. Houve ainda somente 1 pausa de AESO, enquanto que no *Trados*, foram 7 casos. Na fase de redação, foram 8 as pausas de AISO+LTO, enquanto que com a memória, não houve nenhuma ocorrência nessa etapa. Apenas na fase de orientação ocorreram pausa de orientação com AISO+LTO (1 no *Translog* e 2 no *Trados*). Quanto às pausas de AESO+LTO, somente ocorreram 2 no *Translog* também na fase de redação. A leitura do texto original, seja esta acompanhada de apoio interno ou externo, aconteceu durante a fase de redação apenas em ambiente *Translog*. Isso pode ter acontecido ou porque foi especificado nas planilhas de observação direta que o tradutor recorreu ao texto impresso ou porque observamos nas representações lineares do *Translog* que o tradutor movimentou a barra de rolagem para fazer a leitura do texto na língua fonte.

S3 também apresentou mais pausas de AISO, perfazendo um total de 24 no *Translog* e 11 no *Trados*. Um número semelhante de pausas de AESO ocorreu nos dois ambientes de produção durante a fase de redação, sendo 3 delas no *Translog* e 2 no *Trados*. Essas foram as únicas pausas de apoio externo (sem suas possíveis variações como AEDO/AESO+LTO/AEDO+LTO). Todavia, ocorreram também 3 pausas de AIDO, as quais, como já foi apontado anteriormente, sugerem que, embora o apoio interno e subjetivo seja dominante, houve também o auxílio externo.

Em ambiente *Trados*, ainda que o número seja bem inferior ao de pausas de apoio interno, temos muito mais casos em que foi utilizado apoio externo. Além das 3 ocorrências de AESO que já detalhamos, houve ainda 1 pausa de AESO DUPLO (em que a busca a mais de um termo aconteceu durante a mesma pausa), 1 pausa de AEDO (em que duas e mais buscas ocorreram para um mesmo termo), 2 de AESO+LTO (em que ocorreu, além da busca externa, a leitura do

texto original na língua fonte). No que diz respeito às pausas de orientação com AISO+LTO, em ambiente *Trados* ocorreu apenas 1 na fase de orientação, enquanto que no *Translog*, ocorreram 8 pausas de apoio interno simples com leitura do texto original (por estar demarcado nas planilhas de observação ou porque o tradutor movimentou a barra de rolagem) na fase de redação e 1 na fase inicial de orientação.

S4 também apresentou um número de pausas de apoio interno (AISO) mais elevado em relação às de apoio externo e suas variações. Foram 35 ocorrências no *Translog* e 24 no *Trados*. No referente às pausas de AISO+LTO, houve 1 ocorrência em cada uma das duas traduções na fase inicial de orientação e, em ambiente *Translog*, especificamente, mais 2 durante a fase de redação. Ainda quanto ao ambiente de produção cognitivo/natural, tivemos apenas 1 busca de apoio externo simples (AESO), o que indica que o tradutor não se precisou recorrer a fontes externas para se orientar, valendo-se, na maioria das vezes, de apoio interno subjetivo.

Em ambiente computacional típico do sistema de memória de tradução, sabemos que o tradutor tem o apoio externo constante através das opções de tradução oferecidas pelo sistema. Dessa forma, as pausas anteriores aos aceites e pequenos acréscimos de termos a esses segmentos pré-concedidos configuram-se enquanto pausas de AIDO, pois o tradutor os avalia e, através de seus julgamentos, decide como será a unidade de tradução na língua fonte. Por essa razão, talvez seja esclarecido o grande número de pausas de AIDO, já que, no total foram 17 ocorrências. Além disso, ainda houve um número muito mais elevado de pausas de apoio externo que no *Translog*, pois temos 4 pausas de AESO, em que houve uma busca externa para determinado termo, e 2 de AEDO, em que houve duas ou mais buscas também para um termo específico.

Curiosamente, S5 não apresentou sequer uma pausa de apoio externo durante seu processo em ambiente *Translog*. Ocorreram apenas 23 pausas de AISO para planejamento e orientação durante a fase de redação e ainda mais 11 pausas de AISO+LTO, também para

reflexão e programação, mas também com a leitura do texto original. Durante a fase de orientação também ocorreu 1 pausa de AISO+LTO. Além disso, houve um caso muito diferenciado de todos os outros sujeitos da amostra nesse ambiente: houve 1 pausa de AISO e 2 pausas de orientação que acontecerem juntamente com pausas de revisão (AISO+AISR), ambas na fase final de revisão. Essa categoria foi criada porque após uma única pausa ocorreu tanto a tradução de um termo em inglês (ou seja, da solução de um problema que ainda não havia sido resolvido) quanto a revisão de uma das unidades de tradução que já havia sido traduzida anteriormente.

De um modo geral, esse tipo de comportamento se assemelha muito ao do sujeito 4. Talvez seja um indício de que esses tradutores sejam muito experientes e confiem muito no que sua vivência e conhecimento podem oferecer. Esse tipo de comportamento pode também sugerir que tenham uma capacidade controlar e gerenciar o processo tradutório de maneira mais otimizada e assertiva sem muito recorrer a fontes externas, e assim, o apoio interno é suficiente para que realizem a tradução.

Já em relação à produção com o auxílio do sistema de memória de tradução, tivemos algumas pausas em que o apoio externo esteve presente. Aconteceu apenas 1 pausa de AESO e 2 de AEDO, entretanto, como todos os outros sujeitos, tivemos um grande número de pausas de AIDO, totalizando 38 ocorrências. Este é o único sujeito que se difere um pouco da amostra em termos do número de pausas de AISO, pois todos os outros tiveram um número mais elevado de pausas com AISO, este teve apenas 8 desse tipo.

Em todos os sujeitos, o número de ocorrências de AIDO com a utilização de SMT indica que os tradutores utilizaram muitas vezes o apoio externo (no caso, na maioria das vezes este apoio foi o próprio *Trados*), mas por outro lado, o peso maior e predominante para a decisão foi o interno. Parece-nos que as negociações (recusas, aceites e modificações de segmentos oferecidos

pela memória) que o tradutor faz no decorrer da tradução sejam as responsáveis pela predominância de AIDO. Diferentemente do que acontece em ambiente *Translog*, tais negociações são conseqüentes da interface entre a subcompetência instrumental do tradutor e o SMT, permitindo, assim, que esse tipo de interação tenha um caráter diferenciado.

6. CONCLUSÃO

A utilização do sistema de memória de tradução como auxílio para o tradutor diferencia a natureza do processo de tradução em relação à sua produção cognitiva. Retomando as perguntas iniciais de pesquisa veremos que a primeira delas se refere às diferenças da natureza ou da qualidade da fase de orientação no *Translog* e no *Trados*. A segunda pergunta de pesquisa refere-se ao tempo de duração da fase de orientação nesses dois ambientes. Conforme foi apresentado nesse trabalho, Jakobsen (2002) afirma que a fase inicial de tradução se inicia com a aparição do texto na tela do computador e termina com o primeiro indício de produção textual. Contudo, existem mecanismos de orientação em tempo real que surgem durante a tradução. Através desse estudo, observamos que o comportamento dos sujeitos da pesquisa apontou para a falta de existência da fase inicial de orientação, sendo que ela transpassa para as fases seguintes - de redação e de revisão - através dos mecanismos de planejamento das unidades de tradução.

Na verdade, trata-se de fenômenos altamente correlacionados entre si, pois se o tradutor não faz nenhuma pesquisa ou não dedica um tempo significativo à orientação antes de começar a traduzir, certamente terá que fazê-lo no decorrer do processo. A orientação permeia todo o processo tradutório, já que através dela são instanciadas as fases de redação e revisão. Dessa forma, nas duas fases subseqüentes ocorrem mais pausas que podem resultar em vários tipos de apoio. A terceira pergunta que propusemos diz respeito aos mecanismos de orientação em tempo real (*online*), ou seja, quais são os tipos de apoio interno e externo mais utilizados em cada um dos ambientes. Concluímos que, como o próprio SMT é um apoio externo que muitas vezes fornece as sentenças já na língua-alvo para o tradutor, a frequência com que o apoio externo é utilizado nesse ambiente é maior que em ambiente *Translog*. O número elevado de pausas com apoio interno dominante também indica que os tradutores utilizam apoio externo, mesmo que ele

seja desconsiderado. O que ocorre nesses casos é que muitas vezes as opções fornecidas pela memória não são consideradas suficientes e logo são modificadas pelos tradutores.

Nesse trabalho foram propostas algumas categorias para a classificação dos apoios possíveis através da analogia e comparação de vários casos semelhantes entre si. São elas: apoio interno simples de orientação, apoio externo simples de orientação, apoio interno dominante de orientação e apoio externo dominante de orientação. Essa sistematização incidiu das escalas de implicação cognitiva propostas inicialmente pelo Grupo PACTE (2005). No entanto, por motivos teóricos e metodológicos, foram feitas algumas modificações no que se refere à conceituação de cada um dos tipos dos apoios e das pausas em que podem ocorrer. Esta divisão não foi simples de ser implementada, porém, demonstramos que esses apoios podem ocorrer tanto em processos de orientação quanto de revisão. Uma das dificuldades decorreu da análise dos dados, em que muitas das pausas tinham característica de pausas de revisão, mas na verdade eram de orientação, ou vice-versa.

O Grupo PACTE afirma que a competência tradutória é feita basicamente de conhecimento procedimental. Assim, também temos uma grande relação entre a conceituação de competência tradutória, conhecimento procedimental e o que o grupo espanhol chama de subcompetência instrumental. A subcompetência instrumental está relacionada com a utilização de fontes de documentação e tecnologias de informação aplicadas à tradução. Isso foi observado nos sujeitos da pesquisa, uma vez que todos tinham experiência com o *Trados* e, salvo o sujeito 1 que não traduziu o termo “*fresh capillary*” mesmo após buscas de apoio externo, todos os outros procederam de forma segura e assertiva quanto à utilização das ferramentas. Isso ainda está relacionado com a capacidade otimizada que esses tradutores experientes têm de controlar e gerenciar o processo tradutório em todos os seus níveis, sejam eles procedimentais ou declarativos.

A capacidade de domínio do processo tradutório corrobora Bowker (2002), a qual aponta que a experiência e o refinamento da técnica do tradutor ao lidar com os sistemas de memória de tradução presentes no mercado de trabalho só têm a auxiliar sua prática. Entretanto, concordamos com Dragsted (2004) ao afirmar que os tradutores se beneficiarão de fato dos sistemas de memória de tradução quando forem realizadas modificações na forma que em o texto é segmentado.

Obviamente, as conclusões a que chegamos após a análise poderiam ser aprimoradas se tivéssemos acesso a *softwares* mais avançados que permitissem o rastreamento de movimentos oculares, (ou *eye-tracking*), pois dessa forma saberíamos qual seria o foco do olhar do tradutor. Através do uso do rastreamento de movimentos oculares é possível mostrar exatamente a direção que uma pessoa está olhando, qual é seu foco de atenção e conseqüentemente, qual é seu foco cognitivo. Nos estudos da tradução, sabemos que os processos de leitura e o foco de atenção do tradutor influenciam no processo de tradução e conseqüentemente, no produto final. Portanto, estudos que utilizem tais instrumentos tecnológicos a fim de analisar mecanismos cognitivos como o *eye-tracking* podem trazer contribuições valiosas. Além disso, saberíamos com mais exatidão qual seria a real segmentação dos tradutores, e poderíamos ainda delimitar com mais precisão as unidades de tradução que surgiriam durante o processo tradutório. No cenário internacional, podemos mencionar que algumas pesquisas, tais como as de Ricardo Muñoz (Universidade de Granada), Arnt Jakobsen (Copenhagen Business School) e Sharon O'Brien (Dublin City University) já utilizam essa técnica.

Como aponta Alves (2001; 2003), ainda necessitamos de mais aprofundamento e detalhamento no que se refere ao rigor metodológico e à validade ecológica no desenvolvimento de futuras pesquisas para investigar essas questões com maior propriedade. Entretanto, os resultados sobre a orientação e orientação em tempo real a que chegamos contribuem para os

estudos processuais em tradução principalmente no que diz respeito à interface tradutor/tecnologia.

Com relação às contribuições para tradutores em treinamento, Gonçalves & Machado (2006) desenvolveram uma pesquisa a respeito das diretrizes e parâmetros empregados no currículo de cursos de formação de tradutores. Os autores definiram categorias de subcompetências presentes nos programas desses cursos de tradução, sendo que uma delas refere-se às “tecnologias que podem ser aplicadas à tradução”. Após o levantamento quantitativo, os pesquisadores concluíram que 55,1% dos cursos de tradução enfatizam e priorizam tal categoria. Isso evidencia que atualmente o mercado de trabalho tem exigido que o tradutor domine as ferramentas de trabalho, incluindo o uso de sistemas de memória de tradução.

Essa pesquisa aponta para a necessidade de se desenvolver a competência tradutória em tradutores novatos através de métodos e subsídios que o permitam ter um comportamento semelhante ao comportamento do tradutor experto. O fato de os tradutores da pesquisa não destinarem um tempo significativo para a fase de orientação não significa que tradutores em formação tenham que ser ensinados a não se orientar. Pelo contrário, esse nível de gerenciamento é alcançado com a prática e com a aquisição da experiência. O tradutor deve passar pelos processos de ensino, aprendizagem e prática para que, enfim, tenha possibilidade de agir como um tradutor experto, ou seja, agir com a competência em tradução já consolidada. Além disso, deve-se dar importância ao desenvolvimento de todas as subcompetências, especialmente à subcompetência instrumental por estar relacionada com a utilização de ferramentas auxiliares à tradução. Esse tipo de treinamento deixará os alunos preparados para o mercado de trabalho e aptos a fazer uso do arsenal de apoios externos possíveis para que realize seu trabalho. Não obstante, esses tradutores ainda desenvolverão as habilidades e conhecimentos necessários à sua formação com maior propriedade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. A Formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: Reflexões de um Projeto de Ensino. *TradTerm*. v.4, n.2, 1997. p. 19-40.

_____. Teoria da relevância e os estudos da tradução: perspectivas e desdobramentos. In: ALVES, F. (Org.). *Teoria da Relevância & Tradução: Conceituações e Aplicações*. . Belo Horizonte: Poslin/FALE/UFMG, 2001. p. 15-33.

_____. Tradução, cognição e contextualização: triangulando a interface processo-produto no desempenho de tradutores novatos. *D.E.L.T.A.*, v. 19, 2003.

_____. Ritmo Cognitivo, Meta-reflexão e Experiência: parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes. In ALVES, F., MAGALHÃES, C. e PAGANO, A. *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2005.

_____. Tradução, cognição e tecnologia: investigando a interface entre o desempenho do tradutor e a tradução assistida por computador. In: *Cadernos de Tradução*, 14/2, 2006. p. 185-209.

_____. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. In: PAGANO, A. (Org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Poslin/FALE/UFMG, 2001. p. 69-92.

ALVES, F., MAGALHÃES, C. & PAGANO, A. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.

ALVES, F. & GONÇALVES, J. L. V. R. A relevance theory approach to the investigation of inferential processes in translation. In: ALVES, F. (Org.). *Triangulating Translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 3-24.

ALVES, F., GONCALVES, J. L. Modelling translator's competence: relevance and expertise under scrutiny In: Y. Gambier, M. Shlesinger and R. Stolze (ed.). *Translation Studies: doubts and directions*. Amsterdam: John Benjamins, 2007, p. 41-55.

ALVES, F.; LIPARINI CAMPOS, T.; MATIAS, J.; GOTEIPE, B.; MACHADO, I.; FERREIRA, A.; ALKMIN, W. Investigando possíveis efeitos dos sistemas de memória de tradução no processamento cognitivo de tradutores profissionais. In: Proceedings of the International Joint Conference [CD-ROM]. São Carlos: Universidade de São Paulo, 2006.

BERNARDINI, S. *Using Think-Aloud Protocols to investigate the translation process: methodological aspects*. Working Papers in English and Applied Linguistics. v.6. Cambridge. 2001, p. 1-21.

BOWKER, L. *Computer-aided Translation Technology: A practical introduction*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2002.

BUCHWEITZ, A, ALVES, F. Cognitive adaptation in translation: an interface between language direction, time, and recursiveness in target text production. *Letras de Hoje* 41, 2006, p. 241 - 272.

DRAGSTED, B. *Segmentation in translation and in translation memory systems: An empirical investigation of cognitive segmentation and effects of integrating a TM system into the translation process*. (Tese, Doutorado em tradução). Copenhagen Business School. Copenhagen. 2004.

FLOWER, L. & HAYES, J.R. A cognitive process theory of writing. *College Composition and Communication* 32. 1981. p.365-387.

FRASER, J. The Translator Investigated: Learning from translation Process Analysis. *The Translator*, Manchester, v.2, n.1, 1996a. p. 65-79.

_____. Mapping the process of translation. *Meta*, Montréal, v.41, n.1, 1996b. p. 84-96. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/1996/v41/n1/index.html>>. Acesso em: 27 de abril de 2005.

GONÇALVES, J. L. V. R. Teoria da relevância e abordagens conexionistas: reflexões sobre os conceitos de modularidade e processamento central na análise de processos inferenciais. In: ALVES, F. (Org.). *Teoria da Relevância & Tradução: Conceituações e Aplicações*. . Belo Horizonte: Poslin/FALE/UFMG, 2001. p.35-60.

_____. Pesquisas empírico-experimentais em tradução: os protocolos verbais. In: PAGANO, A. (Org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Poslin/FALE/UFMG, 2001. p. 13-39.

_____. *O desenvolvimento da competência do tradutor: investigando o processo através de um estudo exploratório-experimental*. (Tese de Doutorado em Estudos Lingüísticos). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.

GONÇALVES, J. L. V. R, MACHADO, I.T.N. Um Panorama do Ensino de Tradução e a Busca da Competência do Tradutor. In: *Cadernos de Tradução*, 17/1, 2006. p. 45-69.

HANSEN, G. Controlling the process: Theoretical and methodological reflections on research into translation process. In: ALVES, F. (Org.). *Triangulating Translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 25-41.

HAYEN, M. Translations Memories: Insights and Prospects. In: *Unity in Diversity?: Current Trends in Translation Studies*. Ed: Bowker, L., Cronin, M., Kenny D. & Pearson, J. Saint Jerome Publishing, 1998. p. 123-136.

JAKOBSEN, A. L. Logging target text production with Translog. In: HANSEN, Gyde (ed.). *Probing the process in translation: methods and results*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999. p. 9-20.

_____. Translation drafting by professional translators and by translation students. In: HANSEN, Gyde (ed.). *Empirical translation studies: process and product*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002. p. 191-204.

_____. Effects of think aloud on translation speed, revision and segmentation. In: ALVES, Fábio (ed.). *Triangulating Translation: Perspectives in process oriented research*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003. p. 69-95.

_____. Investigating expert translators' processing knowledge. In: Helle, V. Dam et al. *Knowledge systems and translations*. Mouton de Gruyter, 2005. p. 173-189.

LIPARINI, T. *O efeito da pressão de tempo na realização de tarefas de tradução: uma análise processual sobre o desempenho de tradutores em formação*. (Tese de Mestrado em Estudos Lingüísticos). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.

O'BRIEN, S. Practical Experience of Computer-Aided Translation Tools in the Software Localizaation Industry. In: *Unity in Diversity?: Current Trends in Translation Studies*. Ed: Bowker, L., Cronin, M., Kenny D. & Pearson, J. Saint Jerome Publishing, 1998. p. 115-122.

PACTE. Building a translation competence model. In: ALVES, Fábio (ed.). *Triangulating Translation: Perspectives in process oriented research*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003. p. 43-66.

_____. *Investigating Translation Competence: Conceptual and Methodological Issues*. In: Meta, vol. 50, n° 2. Processus et cheminements en traduction et interpretation/ Processes and Pathways in Translation and Interpretation. 2005, p. 609-619.

SCHILPEROORD, J. *It's about time – Temporal aspects of cognitive processes in text production*. USI & C, Utrecht, 1996

SÉGUINOT, C. Management Issues in the Translation Process. In: TIRKKONEN-CONDIT, Sonja; JÄÄSKELÄINEN, Riitta (eds.). *Tapping and Mapping the processes of translation and interpreting: outlooks on empirical research*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 143-148.

SHREVE, G, DANKS, J. H. Preface. In: DANKS, Joseph H. et al (eds.). *Cognitive Processes in Translation and Interpreting*. Thousand Oaks/London/New Delhi: Sage Publications, 1997. p. vii-ix.

SHREVE, G, KOBAYASHI, G. S. Introduction. In. DANKS, Joseph H. *et al* (eds.). *Cognitive Processes in Translation and Interpreting*. Thousand Oaks/London/New Delhi: Sage Publications, 1997. p. xi-xviii.

Tobii Technology. Disponível em <<http://tobii.com>>. Acesso em: 10 de março de 2006. Sweden, Stockholm, 2005.